

Ojerta
-O. NOV. 1998

AVULSO

ESC.
1.20

ANO III - N.º 121

9

SETEMBRO
1943



Esta leitora da
«Vida Mundial
Ilustrada» está
numa praia do
norte. Mas como
se vê, sabe apro-
veitar o tempo...

(Foto António
Silva)

Vida
Mundial

ILUSTRADA
Semanário gráfico de actualidades

AQUI dentro NÓS



DR. TRIGO DE NEGREIROS

Passou mais um ano sobre o seu acto de posse do alto cargo de sub-secretário de Estado das Corporações, pelo que foi muito cumprimentado. Dentro das directrizes impostas pelas circunstâncias e pela própria orgânica do Estado, o sr. dr. Trigo de Negreiros tem sabido cumprir a sua difícil missão.



CAPITÃO SILVA PAIS

Tomou, há dias, posse do cargo de chefe de Divisão da P. S. P. e foi nomeado chefe da Repartição de Fiscalização da Intendência Geral de Abastecimentos, muito tendo o consumidor a esperar da sua acção enérgica e inteligente.



DR. NEVES DA FONTOURA

Embaixador do Brasil em Portugal, que recentemente foi alvo de uma manifestação de simpatia por parte do povo e das autoridades das Caldas da Rainha, e a quem cumprimentamos por motivo do aniversário da independência do seu país.

A alguns quilómetros de Benavente nasceu e cresceu uma abóbora que, em alguns meses, atingiu o peso de cinco arrobas. Os jornais trouxeram o retrato deste belo exemplar, perante o qual nos descobrimos oportunamente, com venerável respeito. Não se trata — como certamente já adivinharam — duma abóbora-menina; trata-se duma abóbora-senhora. Enorme, redonda, monumental, verdadeiro universo em miniatura, o que é fora de dúvida é que esta singularíssima ou, com mais rigor, esta pluralíssima abóbora, vai entrar na história com o gordo sorriso de todos os que, heróicamente, vingam no mundo. Quando amanhã os investigadores se permitirem o luxo de querer saber qual a maior obra do ano de 1943, a História responder-lhes-á, trincando pevides:

— Foi uma abóbora, curiosos sábios!

E uma nova chuva de loiros cairá sobre a considerável família das cucurbitáceas...



LE MOS uma carta escrita por Eça de Queiroz, em 1877, a Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento — carta que se não encontra em qualquer dos volumes de correspondência do romancista dos *Maias* — e na qual se descreve a então recente chegada a Londres dum hóspede illustre — o sr. Pongo. Mas quem teria sido este illustre sr. Pongo? — perguntarão, a 66 anos de distância, os actuais leitores desta crónica.

O sr. Pongo foi uma das mais notáveis personagens da sua época. Todo o mundo o conhecia. O seu retrato vendia-se em toda a parte. Os homens respeitavam-no. As mulheres rendiam-se, ao vê-lo. As suas acções, mesmo as más íntimas, eram registadas, diariamente, pelos jornais mais graves, como o *Times*. Ao contrário, porém, do que possa supor-se, o sr. Pongo não era nem um príncipe, nem um general, nem um escritor, nem um descobridor, nem um tenor, nem sequer um rábequista: era simplesmente um macaco. Nada mais, nada menos do que um gorila — isto é, a acreditar em certas teorias modernas, o nosso felpeado arqu-avô. Londres inteira afluía a admirá-lo, convicta e pasmada; o Premier visi-

Inventário & Balanço

Escola de Lealdade

O mar não nos rodeia porque não somos uma ilha. Mas é ao mar que nos encostamos, é ele o nosso arrimo, a nossa razão de ser, a nossa verdadeira escola e a alavanca dos melhores momentos da nossa história. Escreveu Trindade Coelho, com aquêle poder de majestade que engrandava a prosa dos homens do seu tempo, que «parecendo separar os homens, o belo destino do mar é reuni-los». Muitos povos poderão compreender toda a filosofia de verdade, de experiência e de observação que se encerra nesta síntese, mas é realmente aos portugueses que cabe o direito de se arrogar a capacidade de bem a entender e sentir.

Na História, foi o mar que nos levou às Índias e ao Brasil. E, se é certo que os limites do nosso mundo terrestre estão hoje definitivamente atingidos, portanto sem possibilidades para novos descobrimentos a assinalar nos mapas, basta ver o entusiasmo e o respeito com que o homem da cidade ou do campo se deixa abeirar das águas marinhas para se concluir desde logo quantos pormenores de encanto o nosso génio marinheiro é ainda agora capaz de revelar. Um cronista de primeira água — o dr. Augusto de Castro — levava noutro dia o seu deslumbramento a chamar ao mar «o nosso estádio». E, talvez, como o pensamento citado de Trindade Coelho, uma expressão literária, mas não faltam razões para se dar conta de quanto, ao menos nesses dois momentos, a literatura anda a par da realidade.

O mar, a bem dizer, é a nossa actualidade permanente. E ainda bem que é. Não nos faltam, do mar, as lições de grandeza de ânimo, de lealdade, de generosidade — tudo o que passou a ser definitivamente proverbial entre os hábitos, as tendências e até os instintos da gente que fez do mar a sua vocação e o seu officio. Isso mesmo que o embaixador de Sua Majestade britânica, «sir Ronald Campbell, referia no domingo último em Sesimbra: o culto fervoroso da abnegação — hoje por nós, amanhã por nós — que tem levado, toda a vida portuguesa, a tantos actos de belos e emotivos lances de solidariedade. «A borda de água nunca houve querela», dizem os homens da Nazaré. E sobre o mar menos ainda as há, porque se cria, efectivamente, um instinto de solidariedade que não há tempestade capaz de dissipar, antes se pode dizer que é no meio da maior procela que ele requinta.

Isto quer dizer: o mar é escola de carácter. E é, além disso — todos nós bem o sabemos — fonte de riqueza. Quantos portugueses vivem das artes do mar, dominando o ano inteiro toda a cadeia dos seus caprichos?

A experiência de fazer embarcar na «Sagres» — escola flutuante das artes de marinhar, uns tantos rapazes em cada ano, é uma lição do melhor proveito para o corpo e para o espírito: à vista da superfície sempre igual, as vaidades dissipam-se; à vista da natureza pura, sem artificios nem devaneios, as almas nivelam-se; à vista do perigo que pode erguer-se na dobra de cada vaga, os sentimentos de solidariedade humana e de instintiva compreensão e amor do próximo robustecem-se e tomam raiz.

O mar é um livro aberto: o livro onde poderemos continuar a ler os melhores ensinamentos para a nossa vida.

tou-o; não houve agremiação que o não fizesse sócio honorário; não houve inglesa que não ansiasse cair-lhe, britânicamente, nos braços. Foi um sucesso universal. Feliz o mundo desse tempo — pensamos agora ao ler a carta de Eça de Queiroz — que podia, tranquilamente, preocupar-se com o simpático sr. Pongo!



HÁ pequenas anedoctas, pequenos episódios que valem volumes de psicologia. Contaram-nos, recentemente, esta história — que oferece incontestáveis motivos de reflexão.

Um dos nossos empresários ofereceu ao seu mercieiro um bilhete para ir ao teatro. O homem agradeceu — e recusou.

— É de graça, homem! Não paga nada...

— Muito obrigado. Mas não aceito...

— Mas não aceita, porquê?

— Não aceito por uma razão — explicou então o mercieiro — é que se eu vou ao teatro, não encontro lá senão gente que me deve na loja, e isso tira-me todo o divertimento que eu podia ter...



O distinto pintor Armando de Lucena chamava, há dias, a nossa atenção para o facto de ir desaparecendo da paisagem portuguesa a encantadora simplicidade da nossa casa rural. Observação exacta e oportuna. Na verdade, vão esquecendo, sob a incaracterística arquitectura de hoje, os lindos alpendres da casa minhota; os telhados romanos das casas da Beira; os acolhedores pátios alentejanos; as pitorescas chaminés algarvias; e tantas outras coisas que constituíam a típica expressão das nossas velhas casas da província. Como dizia, confrangedoramente, Armando de Lucena, é possível que já seja tarde para remediar muito do que está feito; mas nunca é tarde para impedir que se pratiquem verdadeiros crimes arquitectónicos de mau gosto — em manifesto prejuizo da arte e da tradição.



DR. SERTÓRIO SENA

Médico oftalmologista, foi autorizado a tomar parte no Congresso Ibero-Americano de Oftalmologia, a realizar em Espanha, para onde o illustre especialista partirá em breve.



COMANDANTE VASCO LOPES ALVES

Parte em breve para Angola, onde vai assumir o alto cargo de Governador geral, em substituição do sr. comandante Alvaro Morna, há pouco regressado à metrópole por motivos de saúde. Do novo illustre governador, muito há a esperar dessa nossa rica província ultramarina.

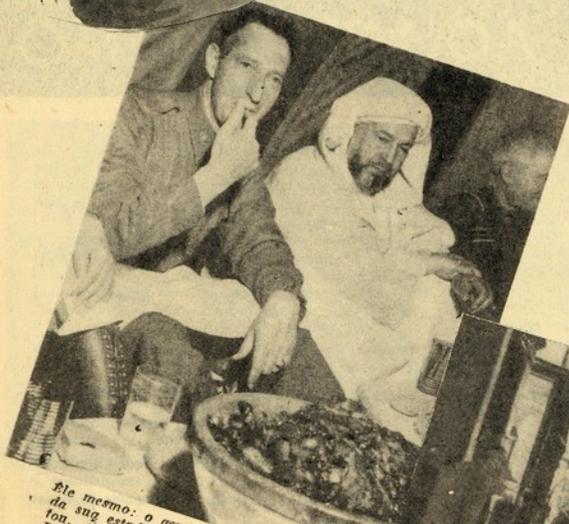


EDUARDO DIAS

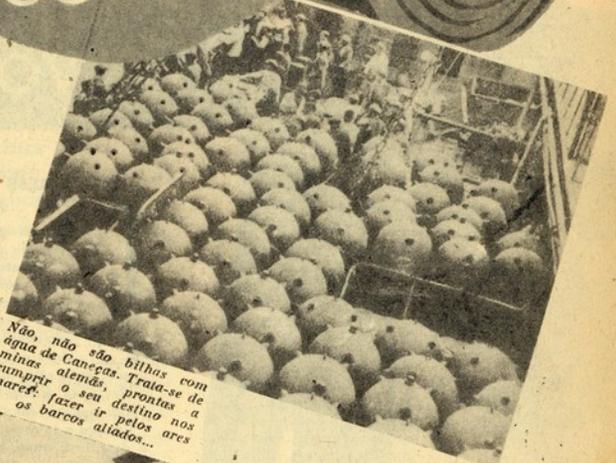
Ainda esta semana, deve aparecer «Mil e uma noites», uma nova edição baseada nos melhores textos orientais, coligidos e comentados por este escritor de méritos incontestáveis em assuntos orientais.

Vida MUNDIAL
Publicada
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS DIRECTOR:
JOSE CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO:
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEFONE: 25844

O filme da semana



Ele mesmo, o general Clark que, quando da sua estadia recente em Marrocos visitou, com a sua comitiva, o calde de Rehama. Aos visitantes foi oferecido um banquete e os comentários, que viram as traças nove vezes dar a volta à mesa, começaram nesta incômoda posição. Pelos modos porém, o caso não afligiu, porque os acespices eram tão bons que até o general tambem os deitou...



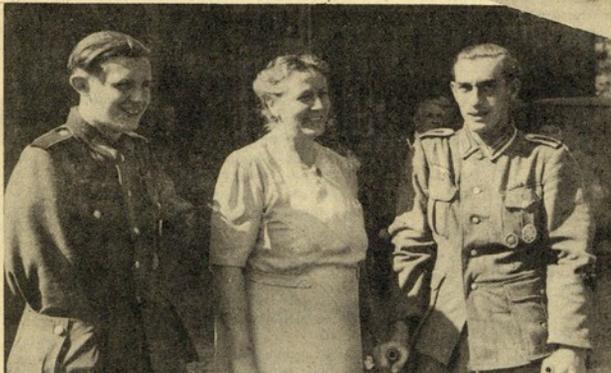
Não, não são bilhas com água de Canetas. Trata-se de minas alemãs, prontas a cumprir o seu destino nos mares: fazer ir, pelos ares os barcos aliados...



Paris 1943 dá-nos destas imagens gaudentes e evocativas. Como não há combustíveis — as carruagens de linhas imponderáveis, punzadas pelos «poney», marcam a silhueta de uma época...



Os pequenos barcos que nos canais do Mar do Norte limpam de minas as costas britânicas, exercendo uma vigilância rigorosa, ainda têm tempo para se dedicar à pesca de tudo o mais que vier à rede. Este casal de bacalhãos, depois de seco e bem temperado, não há-de ficar mau!...



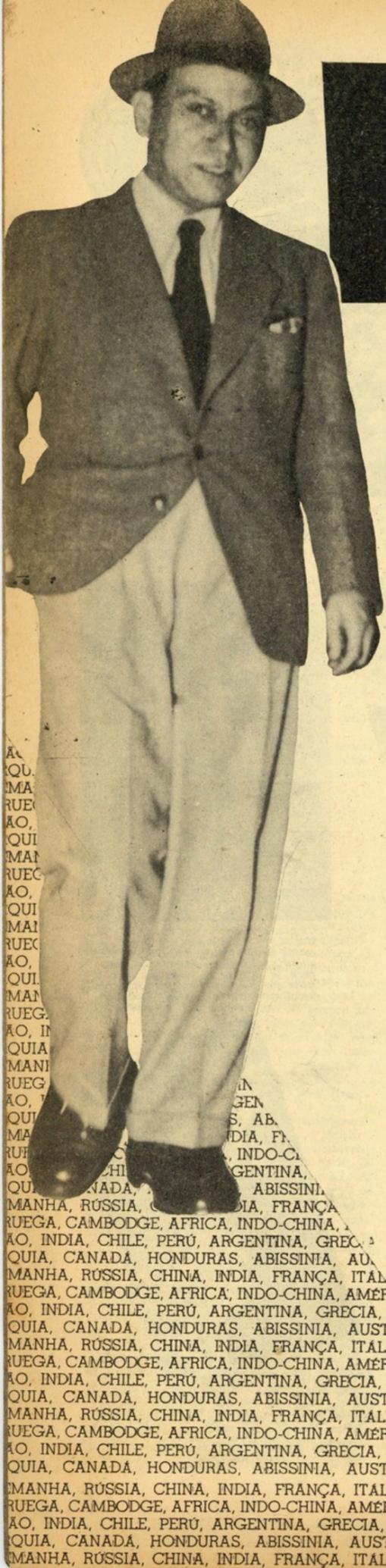
Os festivais de Beyreuth, no quarto ano de guerra, revestiram-se de expressivo significado. Entre dois feridos em combate, foi vista a esposa de Winfried Wagner.



O ministro do Reich para as regiões ocupadas a Leste, Alfred Rosenberg, visitou recentemente a Ucrânia. Doces da região, em açafrões característicos, foram oferecidos aos visitantes.



No Norte de Africa, a Cruz Vermelha Americana, logo após a vitória aliada, instalou um serviço magnífico de assistência infantil. Como se vê, a esta missão, pelo menos, não falta um bom copo de leite...



UMA REPORTAGEM INDISCRETA

FERREIRA DE CASTRO, O AUTOR DE «A VOLTA AO MUNDO» NÃO CONHECIA GUIMARÃES...

DUAS MALAS QUE DERAM A VOLTA AO MUNDO

ENTRO na egare de Guimarães a tomar o combóio da tarde para Visela. Noto, rapidamente, à porta da sala de espera, duas curiosíssimas pequenas malas de viagem, completamente cobertas por rótulos coloridos — alguns de formatos e caracteres que me falam de cidades exóticas e de hotéis de nomes esquisitos. E penso: aqui estão umas malas que devem ter dado a volta ao mundo! Quem será o seu dono, que assim aparece em Guimarães?

Começo a interessar-me. Já não olho rapidamente. E descubro, então, um nome: Mr. Ferreira de Castro.

Passageiro dum paquete japonês, em viagem para S. Francisco da Califórnia...

Tenho, portanto, na minha frente, as malas do escritor Ferreira de Castro, o autor da «Volta ao Mundo» — título aqui profusamente documentado. Dai a pouco, confesso, aquelas duas malas passam a ser o centro de gravidade na pequena sala onde me encontro: quantos aguardam a chegada do combóio, quantos pregam os olhos nos rótulos berrantes.

Sinto o desejo de possuir uma destas malas e, naquele momento, daria por elas todo o dinheiro que levava.

Olho outra vez: colado de fresco, o último rótulo que ali mesmo, em Guimarães, o Hotel do Toural afixou num estreito espaço que restava para isso. — E penso:

Se eu estivesse no lugar de Ferreira de Castro, cada hotel em que me hospedasse, se quisesse ter a honra de se reclamar tão distintamente, havia de me pagar bem pago!

Mas chega o combóio. Um homem ligeiramente baixo e ligeiramente entroncado sai da sala de espera. Com simplicidade e alheio ao que se passa, apressa-se a pegar nas duas malas. Éle próprio as conduz à carruagem.

Segue-o uma gentilíssima senhora, notavelmente formosa, delgada e alta, a quem ouvi depois pronunciar algumas palavras, com leve sotaque de espanhol. Não é difícil a identificação: Ferreira de Castro e sua esposa.

ONDE HÁ UM LUGAR A MAIS...

Eu só conhecia Ferreira de Castro através da leitura dos seus livros. Gostaria de o ouvir falar. Irresistivelmente atraído, pela sua presença, entro na mesma carruagem. Com tanta sorte, que posso aproveitar um lugar vago. Sento-me quasi defronte dele. Mas, decididamente, estou em maré de felicidade e a sorte não fica por aqui: ainda em Guimarães, entra na mesma carruagem uma senhora de pequena estatura, ar distinto, cabelos todos brancos, e logo o autor de «Emigrantes» se levanta a acolhê-la com simpatia e a oferecer-lhe lugar a seu lado. Ferreira de Castro apresenta-lhe sua esposa. Depois, o autor de «Pequenos Mundos e velhas Civilizações» puxa dum cigarro «Cuf» e pede licença para fumar...

...E UM INDISCRETO A MENOS

O combóio parte — e a conversa desenrola-se. Aquela simpática senhora de cabelos brancos, olhar chelo de ternura e bondade, é a viúva de Raúl Brandão. — Veio a Guimarães — a sua terra — e descerá numa estaçãozinha ali perto — Nespereira — para regressar à casa onde viveu também o autor de «Os Pescadores» — uma casinha entre verdejantes milhos e latadas, onde tudo ainda recorda o delicado gosto e a fina sensibilidade do escritor, pois tudo se conserva, devotadamente, nos lugares em que os deixou o querido e saúdoso morto.

Tôda a conversa, até Nespereira, gira à volta de recordações do autor de «Os Pobres». Da sua re-

quintada sensibilidade de homem e de artista. Da sua maneira e forma de trabalhar, como escritor profundamente impressionista. Falam também de pintura. Recordam Columbano, que passa na conversa como grande amigo de Raúl Brandão.

Columbano visitava-os a miúdo. Ela mesma, a viúva do autor de «Humus», deve ter servido de modelo para um retrato pintado por Columbano. E evocam a própria maneira de Raúl Brandão pintar: ao ar livre, debaixo dum grande guarda-sol, naquele cenário minhoto, muito verde de milharais e de altos vinhedos, por entre vales e cantantes águas e azenhas...

ENTRA-SE NA INTIMIDADE DOS ESCRITORES

Ferreira de Castro, que mostra ter conhecido bem Raúl Brandão — pareceu-me que no Pôrto, — vai ajudando sua viúva a desfilar aquêlê lindo rosário de saúdades e recordações, em delicada e sincera admiração pela memória do autor de «Ilhas Desconhecidas».

E, a propósito dêste livro, sua viúva recorda a viagem em que o acompanhou, pelas ilhas da Madeira e dos Açores; e o acolhimento inesquecível que ali lhes dispensaram; a beleza maravilhosa daquelas paragens — e tanta coisa mais que a memória não fixa e o lápis não pode socorrer...

Fala-se, de novo, da maneira pessoalíssima com trabalhava Raúl Brandão: só tomava apontamentos das coisas, dos sentimentos, ou dos factos que mais o impressionavam. Não escrevia: ditava tudo, na forma definitiva, a sua esposa, que era assim e sua única secretária e colaboradora — pois com ela trocava impressões, e dela aceitava as sugestões.

Ferreira de Castro confessa, que não pode trabalhar assim. Pelo contrário, só consegue escrever em perfeito isolamento, porque os seus nervos não suportam a presença seja de quem for.

Da sensibilidade de Raúl Brandão — uma sensibilidade que qualquer coisa impressionava, a ponto de o deixar quasi doente, conta-se então: Certa vez, quando passava por uma rua, viu um rapazito que levava uma gaiola com um pássaro. Raúl Brandão chamou-o, e, em troca de dinheiro, protestando contra aquêlê encarceramento, pôs com grande satisfação o passarinho a voar.

Ferreira de Castro sorri. Também êle tem uma recordação ligada aos pássaros encarcerados... Querem ouvi-lo?

— Deixava-me impressionar. Não podia ver pássaros nas gaiolas. E ainda hoje não gosto, está claro, mas olhe que me dei muito mal com a experiência de libertador... Uma vez, encontrei um rapaz com uma gaiola. Dentro, um passarinho. Dei-lhe 2\$50 e pu-lo em liberdade. Mas, daí a pouco, não lhes digo nada! Estava rodeado, positivamente invadido por rapazes com gaiolas — a venderem-me pássaros a 2\$50...

A CULPA É DO SOL!

O combóio, resfolegando, chegava então a Nespereira. A viúva de Raúl Brandão desce da carruagem. Cumprimentos de despedida, protestos de amizade, promessas de uma visita, em Lisboa...

Ferreira de Castro e sua esposa tomam de novo os lugares. Mas, o Sol, dardejante, de um mês de Julho excepcionalmente quente, queima a pele e incomoda os olhos. Ambos mudam de lugar, já que tinham feito tôda a viagem ao sol. Ficam, assim, fora do alcance da minha indiscreção. Acabou-se, portanto, a reportagem!

A culpa é, realmente, do Sol!

ILÍDIO PANINHO

P. S. — Esquecia-me de dizer que, durante a conversa, ouvi o autor da «Volta ao Mundo» confessar que só agora conhecia Guimarães... — I. P.

(Fotos inéditas cedidas pelo «Diário de Notícias».)



Ferreira de Castro com um grupo de individuos da raça «Mai», na Indo-China



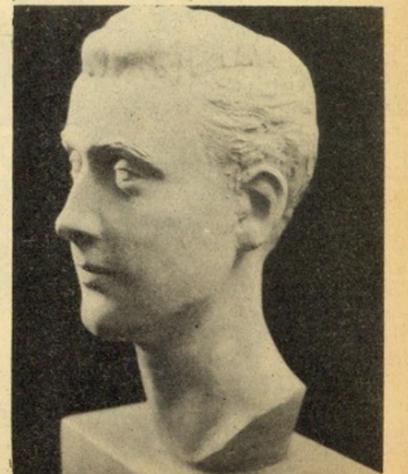
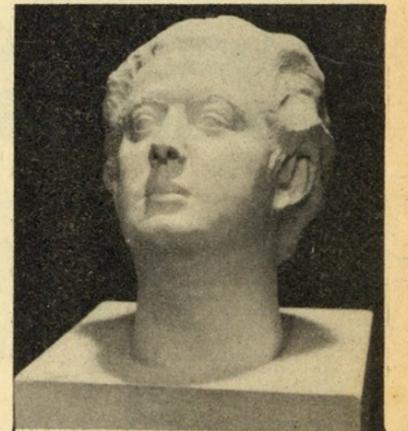
Ele mesmo, nas ruínas de Angkor, no Cambodge

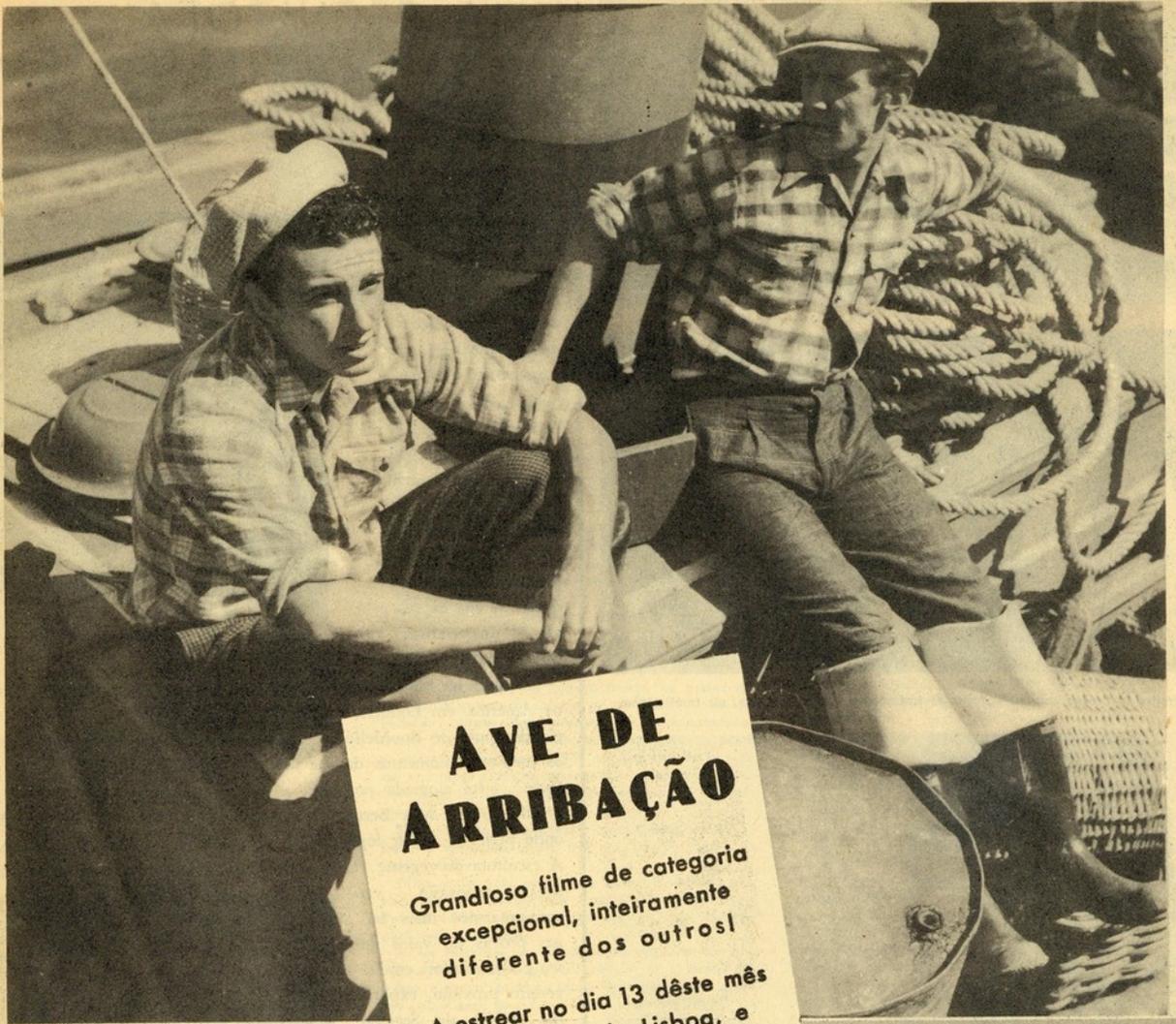
UMA ESCULTORA BRASILEIRA EM PORTUGAL

A guerra trouxe-nos uma artista de nome internacional: a condessa May Bernstorff, brasileira de nascimento, dinamarquesa de origem. Está em Portugal e expõe actualmente no Salon do Estoril uma pequena mas valiosa amostra do seu valor: os dois bustos que reproduzimos, um dos quais, na sua expressão de imaterialismo, nos dá um fundo momento de emoção do violinista Philippe Newman, actualmente entre nós.

A condessa May Bernstorff, que triunfou como escultora e pintora na América, em Londres, em Berlim, na Itália e em Paris — não foi ela discípula de Bourdelle, e não foi a *finesse* francesa que lhe deu os melhores momentos da sua arte tão emotiva e ao mesmo tempo forte? — foi elogiada por tôda a grande Imprensa, sem esquecer a brasileira, pois May Bernstorff expôs inúmeras vezes no Brasil, para onde pretende voltar logo que se normalize a situação internacional. A escultora do regente Horthy — da Hungria, em cujo castelo realizou notável exposição — vai apresentar-nos mais largas provas do valor do seu poder criador: em Fevereiro próximo, exporá, no estúdio do Secretariado da Propaganda Nacional, uma galeria de motivos estrangeiros e portugueses, pois May Bernstorff instalou sobre as rochas do Estoril um pequenino estúdio virado para o mar, onde trabalha constantemente e sempre mais e melhor...

O outro busto que reproduzimos é de «Um inglês», e mantém todos os excelentes motivos de alta feição artística que o primeiro. A mesma serenidade — sem excluir agudeza e força — as mesmas características, a mesma marca da autora. A exposição do S. P. N. anuncia-se, assim, dos melhores resultados, e vai constituir, com certeza, mais um êxito de May Bernstorff.





AVE DE ARRIBAÇÃO

Grandioso filme de categoria
excepcional, inteiramente
diferente dos outros!

A estrear no dia 13 dêste mês
no Coliseu, de Lisboa, e
no S. João-Cine, do Pôrto

♦
*Virgílio Teixeira e Ricardo Malheiro,
interpretando várias cenas do filme
que é um hino de amor que glorifica
a vida dos pescadores algarvios.*





O CINEMA CONQUISTOU UMA INDIFERENTE

Carmen Dolores,

A "TEREZA" DO AMOR DE PERDIÇÃO

PARA quê, negá-lo?... O cinema não a catequizava. Aquella successão de imagens, correndo veloz, não conseguira despertar-lhe interesse. Ia ao cinema, é certo. Mas, fosse o entrecho mais curioso e sugestivo, deixava-lhe sempre uma sensação de indiferença. O claro-escuro, decididamente, não a atraía.

E, todavia, ella tinha paixão por uma criança irrequieta, cujas «nuances» difficilmente se aprendem, também a tentativa e a sua voz, diziam-lhe, era rica de harmonia e suavissima.

Há cinco annos, que ella actuava na rádio. Passou pelos postos amadores os degraus convencionais para se atingir um último andar, um quasi nada alto... Rádio-Sonora, (depois voz de Lisboa), Peninsular, Renascença, Luso e por fim E. N. e R. C. P., emitiram-lhe a dulcissima voz. Sempre com agrado de quantos a ouviam. Dava expressão ás suas preferências. Recitava e fazia teatro radiofónico — a melhor offrenda que lhe podem fazer! Embora de characteristics totalmente differentes das do teatro de palco, é teatro!...

Uma tarde, no S. P. N., realizava-se uma sessão do Teatro do Império. Ella passou por lá. Recitou uma poesia. Estava presente António Lopes Ribeiro, aquêlê homem servido por dois olhos magníficos, que gravam gestos e imagens com uma facilidade e fidelidade impressionantes. Fixou-a. Tomou um imperceptível apontamento...
...E o tempo passou. E esse apontamento o vento não levou!...

Alguém bateu à porta. Uma carta. Para ella? Um leve rubor lhe coloriu as faces. Não era hábito!... Instintivo movimento de recusa, em admitir a missiva... Mas... trazia uns caracteres impressos... E daí, talvez não fosse nada de extraordinário, que justificasse o rubor...

O papel desdobrou-se-lhe ante os seus olhos ávidos...
Por estas ou por outras palavras, o conteúdo dizia assim:

«Queira apresentar-se para filmar».
Ela ficou atónita... Seria realmente possível que António Lopes Ribeiro a convidasse para filmar?... Decorrera um anno desde que recitara no S. P. N., e não fóra esquecida, ella que, afinal, não sentia, como tantas raparigas da sua idade, propensão para a sétima arte!

Releu a lacónica epistola. Não havia quaesquer dúvidas, era para si!...

Aquellas dezanove primaveras passaram uma noite agitada!... Pensou em não comparecer. Talvez continuasse a preferir a rádio, os recitais, o teatro radiofónico, enfim, tudo, menos o cinema!... O sono negou-se-lhe.

Quando os olhos se lhe semi-berraram, a corrida vertiginosa das imagens de celuloide em que ella se revia, esbatia-se ao longe, como numa transposição de cena...

Acordaram ambos: ella e o dia! Estava-se em Abril; vsal galgado meio anno. O sol invadiu-lhe o quarto. Um sol radioso, tépido, acariciador, que dá energias novas ás almas. Tomara definitivamente uma resolução: appareceria!...

Se no momento de entrar no estúdio, onde decerto a iam sujeitar a provas experimentaes, fraquejasse, teria ainda a desculpa de ter comparecido para corresponder à gentileza de se terem lembrado dela!... Saiu de casa, já senhora de si. A Arte era outra; mas nem por isso deixava de ser Arte!...

Tenho falado dela!... É chegada a altura de a apresentar: Carmen Dolores Cohen Sarmento, filha dum jornalista, camarada illustre, que já nos delixou; José Sarmento.

Está feita a apresentação, simples, como a Carmen Dolores o é de facto. Quem a vê, tem inicialmente a impressão de que esta rapariga não possui «fogo» de artista. Calma no falar; tranquillidade no olhar; e uma passividade que só existe na aparên-

cia. Sabe, no entanto, desocar as suas expansões. Não se torna notada peloss dois polos de exagêro: nem se evidencia pretenciosamente, nem se apaga em falsa modestia. Neste meio termo, está a razão de ser do seu triumpho.

— Vamos filmar o «Amor de Perdições» — diz-lhe António Lopes Ribeiro. — E a Carmen Dolores fará a figura principal: a Teresa!... Verificámos as suas condições. É o tipo ideal para este papel!

Carmen Dolores não foge a um constrangimento comprehensivel. A principal figura, ou por outra palavra, a protagonista!... Estuda o papel. Entre-ve-se de alma e coração. E sente, como lenitivo das difficuldades que a preoccupam, que a amorosa, a resignada, a sofredora Teresa, se conduna com a sua maneira de ser. Interessa-se mais pela figura. Lopes Ribeiro dá-lhe indicações preciosas.

Carmen Dolores dissecou a alma da Teresa, complexo em que se não penetra facilmente, e aos poucos comprehende que amoldou o seu sentimento ao da rapariga tão magistralmente desenhada por Camilo.

Atenção: vamos principiari!...

No estúdio a azáfama é intensa. A voz do realizador ressoa, em tom de comando que não admite réplica. É a primeira volta da manivela — uma expressão já clássica na linguagem cinematográfica. Há sempre um certo nervosismo...

Carmen Dolores confidencia-me porém: — Aprentei-me calma, diante da câmaras, com a calma que se me affigura necessária nos grandes momentos. Lembrei-me do microfone, onde um erro, um deslize é impossivel de reparar... No cinema, o mal remedeia-se. Alheei-me da possível sensação que pudesse ter ao agir diante da máquina. Apenas as saias um tanto compridas, me embaraçavam os movimentos...

O meu pouco entusiasmo inicial foi-se dissipando e, agora, estou adaptada e satisfeita.

— Qual a cena mais difficil, recorda-se?...

— Para mim são todas difficéis... mas uma principalmente é mais aborrecida do que difficil...

— Qual?...

A «Teresa» sorri:

— A que tem de repetir-se muitas vezes, até satisfazer por completo o realizador...

Gratias recordações lhe ficaram dos companheiros de trabalho: Assis Pacheco, Barreto Poeira, António Silva, Silvestre Alegirim, Gregas Caetano, António Villar, Oscar de Lemos, Eunice Colbert, Armando Martins, Cláudia Meireles, Nelly Esteves, Emilia de Oliveira, Beatriz de Almeida, Sofia Santos, Amélia Figueirôa e Vera de Castro.

E o pessoal técnico foi sempre também, dumã gentileza extrema — diz-nos «Teresa».

Carmen Dolores não pretende imitar seja quem fór. Personalidade acima de tudo. Uma opinião: prefere os papéis dramáticos, mas gostaria de experimentar o género leve, sua especialidade na recitação de poesias. A propósito: Antero do Quental, António Nobre, Guerra Junqueiro, Augusto Gil, são nomes seus favoritos. Nos poetas contemporâneos, ou mais modernos, distingue Afonso Lopes Vieira, Silva Tavares, Fernanda de Castro e Graciete Branco. As poesias infantis encantam-na.

«O Amor de Perdições» foi... a perdição do seu 6.º anno de ma-

temática, cadeira que, aliás, nunca foi o seu «forte»!... As letras curtilaram-na sempre muito mais.

Este quadro, curtilissimo, serve para mostrar que quem faz cinema não pode pensar noutra coisa... Especialmente em mathematica!...

Preguntel-lhe se tinha ambições. Duas somente, neste momento: Que «O Amor de Perdições» seja uma etapa triunfante do cinema nacional e que António Lopes Ribeiro não se arrependa de a ter escolhido. Nada mais lhe interessa. Nem sequer, ora vejam lá, uma proposta por tentadora que fosse, para trabalhar no estrangeiro!...

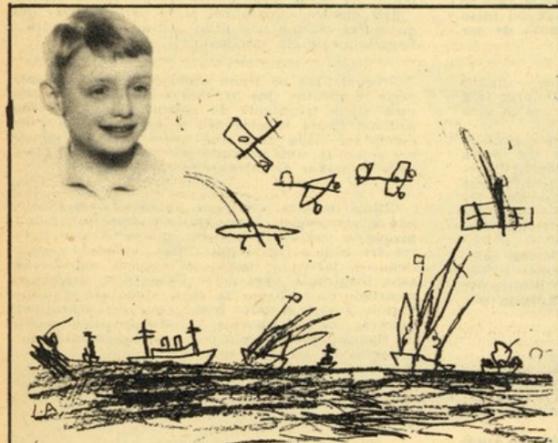
Última imagem: creio que António Lopes Ribeiro não se arrepende. E se Camilo pudesse ver, humanizada, a sua «Teresa» diria, que a Carmen Dolores era bem a figura que tinha idealizado... excendo-a talvez... Podia até — quem sabe? — ser uma inspiração para outro tema forte, dramático, recordado do realismo da vida, — daquela vida que Camilo sorveu a goles lentos, que lhe permitiram escrever infatigavelmente e construir uma galeria de figuras, que ficaram como outras tantas manifestações de génio do escritor!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

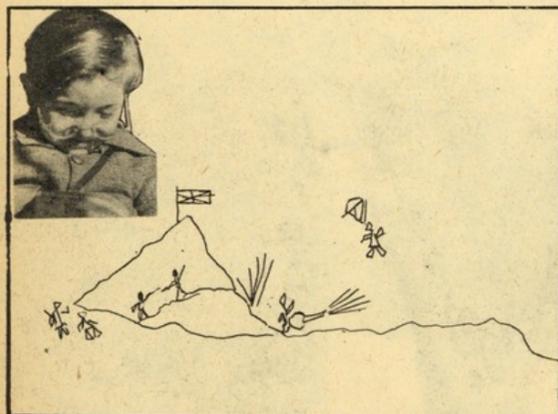


A GRANDE TRAGEDIA VISTA POR OLHOS INOCENTES!

Como os garotos vêem a guerra



António Luiz de Oliveira Guimarães tem 7 anos, mas a história das guerras não lhe é estranha. Aqui temos uma batalha aero-naval e a guerra antiga em guerra com a guerra modernas. António Luiz, que já fala inglês, acha que as guerras são boas para o papel. Se viesse a guerra — diz-nos este grande general de capacete de jornal e espinaçard de pau — delatava a fugir. E é que se calhar, fugias mesmo, hein, António Luiz?



Artur Portela Júnior, com os seus óculos de velho professor, diz-nos com o seu traço firme e simples, o que deve ser a guerra nas regiões montanhosas, com paraquedistas e tudo...

Al longe o dia das brincadeiras infantis, tão de nosso uso, que fizeram a delicia de gerações. Quando se passava por ruela estreita, duma trapreira, quasi junto das nuvens, uma vozinha de criança, débil e cantante, dizia: «Nossa Senhora da Conceição, faça sol e chuva não!». E, assim, durante horas intermináveis, olhando a rua molhada e os pingos caindo das goteiras, numa cantilina tristinha, a garotada de certos bairros passava, num entretenimento, sem irrequietas diabruras, os tempos da meninice. Outras vezes, nas trazeiras do prédio, para o saguão, com o estendal de roupa a enxugar, uma caninha, um pedaço de sabão e água eram o seu enlêvo. Os balões multicores subiam, numa garridice efêmera, até o vento os levar à sua morte... E a garotada batia palmas, contente, como se aquilo fosse o maior divertimento do mundo. Em certas casas, depois dos trabalhos escolares, juntavam-se alguns. Vinha o vizinho de cima — o Quim, o Tonecas, o terrível Lelé, mau e zaragateiro — e vai de se improvisar brincadeira. Eram regatas de bicicleta, corridas de sacos, jogo das prendas, o trapo queimado, o trinta e um, o «jará», o eixo — enfim, um autêntico festim infantil e que só terminava quando o inquilino de baixo batia com o pau para cima por via da calça que já se despegava dos tetos. Na rua, outro grande mundo surgia para o peiz. O arco e a gancheta fizeram o seu reinado. Depois veio o berlinda — com ferrechos campeonatos — a barra, as uvas, o jogo do gato e do rato, os policas e ladrões, e o «ferrar a mim e à meia lua». As garotas, essas, não saiam de casa. Muito agarradinhas à bonecada, todo o seu cuidado e fervor era fazerem-se mulherzinhas. E, então, toca de arranjar jantarinhos — de arrear a louça, de passar a ferro, de talhar roupa para as «Jujus» e «Zéquinhas» de celuloide. Junto do mundo das bonecas iam moldando no espírito o carinho, a ternura, a dedicação — virtudes que definem a mulher como mãe e esposa. O rapazão não era admitido nestes concilios infantis. Nem eles queriam, aliás. Ao encontrarem-se na rua — faziam-se logo grupos. Nos jardins e nos parques a mesma coisa. As meninas improvisavam os bailes de roda — e, se por acaso algum rapazito mais afinado queria dar a mão, era certo cantar-se logo: «Mais um palerma que na roda entrou...».

O «giró-flé-flé-flá» — a «machadinhas», a «rosa branca ao peito»... tanta coisa dum passado sumido e que, talvez, não volte mais...

E hoje? Como brinca o rapazão — e em que se entretém?

Vieram o cinema, Tom Mix, os cavalos, os tiros, e os garotos, nas plateias, deliram. Conhecem os heróis do murro, na tela. Discutem os truques com pericia. Lutam e racham cabeças à saída da escola, conforme viram no «écran». As escondidas chupam uns cigarritos, surripados — e dizem, ainda com as fraldas de colegial, galanteios às raparigas.

Puseram de parte todas as brincadeiras inofensivas — querem os jogos de futebol, suados e arranhados, os combates de pedras — a troca recíproca de mimosa linguagem. No cinema viram a destreza, a força, os socos que se pregam — e aí, para praticarem, malham sempre nos mais fracos — que os outros não são... da sua idade. Os soldados de chumbo, as espadas de lata, os cavalos de papelão, os «tanques» de guerra, os aviões, tudo lhes dá uma grande alegria. É o momento que vivem. Num clima de guerra — gera-se esta mentalidade, avessa ao inofensivo. As guerras, os grandes combates, os desenhos e as gravuras que os jornais trazem produzem-lhes curiosidades.

E, então, procuram, em casa, as mais disparatadas atitudes que possam dar imagem de herói. Com um pedaço de cartão arranjam um chapéu de dois bicos — como o daquele general que certa revista trazia na capa — o cavalo de papelão vai para a cozinha, a espada que ofereceu o padrinho, desembainhada, sobe à altura da cabeça e, gritando, com um vozeirão afectado, que até o «Joli» abana o rabo de troça — «frente! marche!» obrigam as criadas a apresentar armas — que, neste caso, é o abano e a tenaz... Ainda há dias, um miúdo travesso, ladino nos oito anos; azougado, chegou a casa a correr e perguntou à mãe, muito interessado:

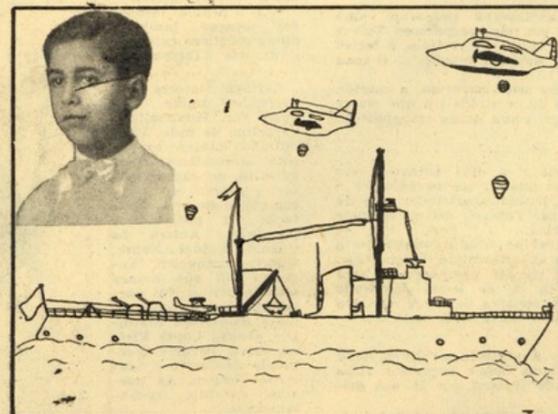
— Dizem que a guerra vai acabar?!

— Oh! meu filho! Deus te oiça!

Mas o garoto resmungou, e com a voz velada de tristeza, atirou logo:

— E depois? Depois, se acaba, já não há guerra para mim?!

É que este miúdo é o comandante geral das tropas infantis do bairro de Belém. Valente e atiradigo, à frente dos seus soldados miúdos tem feito várias incursões ao bairro da Ajuda — com tanta estratégia e conhecimentos que já anexou duas ruas...



Avelino preocupa-se com outros problemas: o dos transportes marítimos. Através dos Oceanos, os barcos atafalhados de tropas ou de abastecimentos, têm de transpor o mar. Mas a aviação inimiga rompe de lá com as bombas... e é um «uso sério», Avelino!



Esta miúda, que se chama Rosa Baptista Vieira, tem dez anos e olha com optimismo o destino da guerra, confiado à aviação. Os grandes desembarques de tropas paraquedistas e que hão-de decidir a vitória! Entretanto, esta grande estratégia do lápis e papel não deixa de lançar as vistas para o problema dos transportes por mar. Será ainda a aviação que vai decidir a questão?

Claro que os outros estão a recrutar novos elementos — e veremos se ele leva a melhor quando chegar o novo material, composto de flegas de longo alcance, canas para ataques à baloneta, tricicles com torrões de areia, para os bombardeamentos... terrestres.

Estes desenhos que publicamos hoje definem bem a idéia que os garotos fazem da guerra. Em traços imprecisos, eles vêem o grande conflito mundial como um choque destruidor, que só produz heróis e vencidos — e nunca idéias nem interesses. Um dos desenhos é de Avelino do Vale, um garoto de oito anos, vivo e inteligente, já com o exame feito, que vive em casa do escritor e jornalista Carlos Ferrão, o categorizado cronista de guerra. Evidentemente, que dentro daquele ambiente donde têm saído as mais claras e inteligentes páginas historizando a guerra, haviam de ter influência, no cérebro infantil, as revistas que se folheiam, os livros que se abrem — e as conversas que se ouvem...

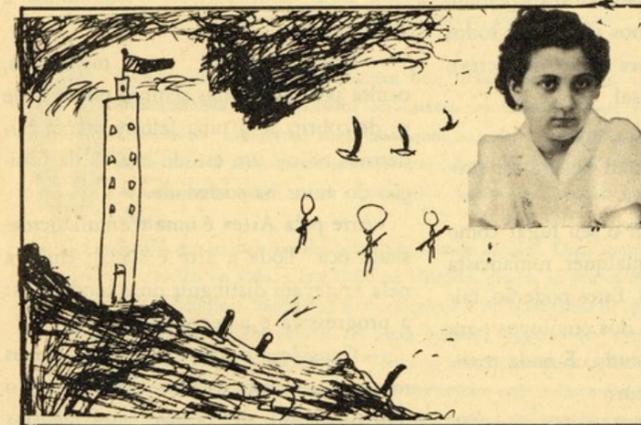
Outro, com cinco anos, é filho do jornalista Artur Portela, director do «Mundo Gráfico» — Artur Portela Júnior. Bastariam as montanhas de fotografias de guerra que o pequeno tem visto, para se interessar, com curiosidade, pelos lindos barcos que vão ao fundo...

O dr. Luiz de Oliveira Guimarães, como humorista, terá meditado, muito seriamente, no desenho que o seu filho, de sete anos, apresenta...

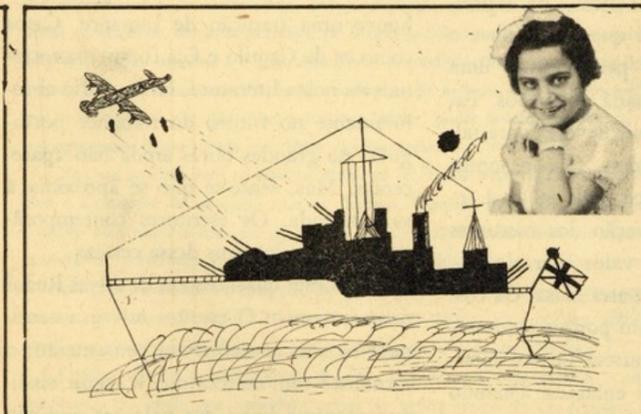
Sára e Rosa Baptista Vieira são duas garotas encantadoras, filhas do industrial António Vieira. Apesar dos seus nove e onze anos, lêem todas as noites os jornais — e discutem, como se fossem gente graúda.

Enfim, para estes garotos, a guerra é uma coisa lá muito ao longe, de que se ouve falar com heroísmos e tragédias — mas que eles interpretam e documentam de algum modo.

MANUEL MARTINHO



Já a irmã, que tem 11 anos, com certeza que mais experimentados em coisas de estratégia, acha, que não, que o caso dos grandes desembarques é que hão-de decidir dos destinos da guerra. Aqui temos, neste simples desenho, uma fortaleza bloqueada. Os paraquedistas, arrojados, vão descendo sobre o fogo dos canhões. A resistência é heróica. Qual deles vencerá, sisuda Sára Baptista Vieira?



LÁ COMO CÁ...

A SUIÇA ACHA QUE A FRANÇA DESCONHECE A SUA LITERATURA

Em dos últimos números de «L'Illustré», de Lausana, encontramos um curioso artigo de Edmond Jaloux, sobre aspectos de intercâmbio intelectual franco-suíço. Ficámos assim sabendo que, lá como cá, a Suíça se queixa muitas vezes de que os seus escritores, que conhecem muito bem a literatura francesa, não são pagos na mesma moeda. Isto é: os escritores franceses desconhecem os suíços. Para o fenómeno, que é mais psicológico do que baseado em razões sérias — não é verdade que a Suíça tem a sua literatura opulenta? — Edmond Jaloux traça um quadro que, além de picaresco, encerra uma verdade dolorosa, edificante e capaz de nos fazer abrir os olhos e fechar os ouvidos aos lamentos portugueses. Eis as palavras de Jaloux, depois de achar injustas as lamentações dos escritores suíços: «É verdade que essas recriminações vêm, a maior parte das vezes, de personalidades que não sabem nada do que se passa em França; é verdade que também um certo escritor daqui, que não consegue, para lá das fronteiras, um êxito clamoroso, será, naturalmente, levado a lamentar-se do esquecimento a que o votam. E se pensa nos confrades mais felizes do que ele, não é capaz de dizer que esses confrades devem, em geral, a fortuna ao seu talento; atribua a sua pouca sorte à indiferença ou à má vontade de toda a gente. Mas é preciso que se saiba que, na Société des Gens de Lettres de Paris, o número de membros é de mais de três mil, e o de «aderentes» de quatro ou cinco mil — o que quer dizer que, sobre os quarenta milhões de franceses, há apenas seis a sete mil que, mais ou menos, fazem vida de escritor. E, de resto, homens universalmente conhecidos como Paul Valéry e André Gide não fazem parte desta Sociedade! Dêstes seis ou sete mil escritores, quantos se pensa que conseguiram tornar-se conhecidos? Quantos se pensa que ganharia a vida escrevendo? Nestas condições, é muito natural que todos os escritores suíços que publicam obras na sua terra não consigam meios de passar intelectualmente as fronteiras».

CRISE DE ABUNDANCIA...

Como na França, como na Suíça, como em toda a parte, o século vinte nasceu não só sob o signo da máquina, mas também da literatura. Há muito mais escritores, em toda a parte — e, o que é singular, como o próprio Jaloux fez notar, escreve-se mais e melhor do que nunca (em Portugal barafustava-se por se escrever demais...). Dêste modo, diz ainda Jaloux, o «cesso» ao conhecimento francês torna-se ainda mais difícil, porque, realmente, custa mais a decorar muitos nomes do que um...

Os argumentos do sr. Edmond Jaloux devem ter calado fundo no espírito e na inteligência dos suíços mais ou menos com ofício de escritores. Para nós, portugueses, o caso também cala muitas mágoas, muitos ressentimentos contra a impenetrabilidade do idioma em que escrevemos e a ignorância dos franceses no que respeita aos nossos escritores. Pois se eles não são capazes de decorar os nomes dos escritores suíços, pois se eles não são capazes de ler os livros que tantos deles escrevem na sua própria língua — como poderíamos nós aspirar ao seu trato de leitura?

A França, que tem tantas responsabilidades no mundo intelectual de todas as nações, despercebe-se — vê-se bem, pela pena de Jaloux — dos deveres que lhe cumprem, para se desembaraçar conscientemente da missão que povos de outras línguas lhe incumbem...

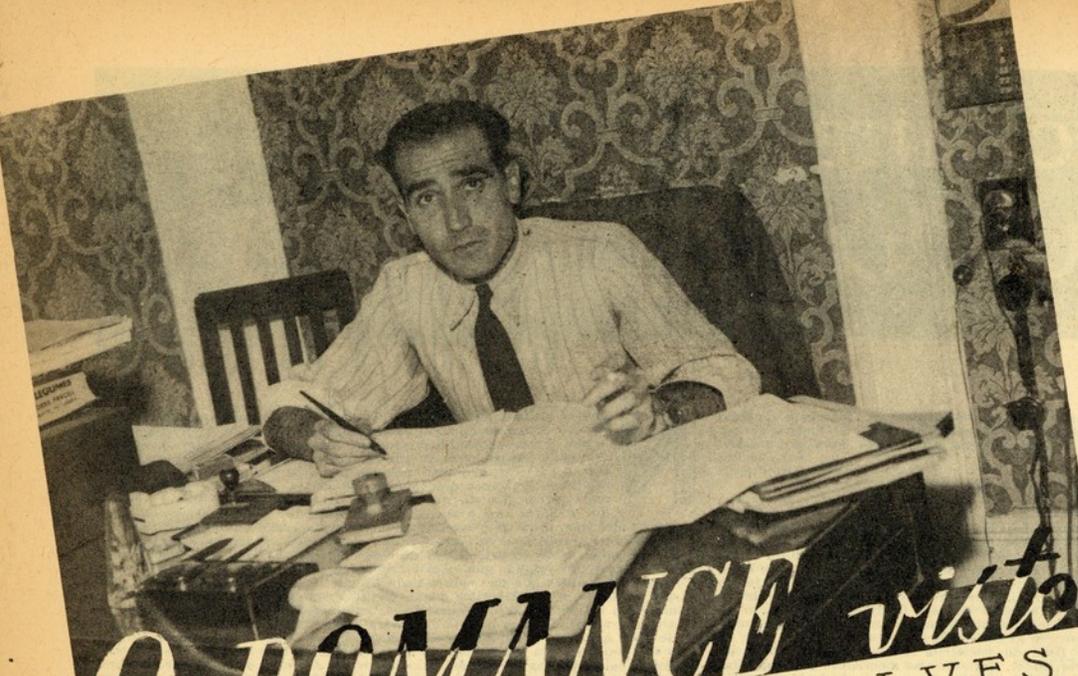
COM VISTA A NÓS PRÓPRIOS

Com as explicações de Jaloux que, de resto, é amável para com os escritores da Suíça, não terão ficado absolutamente convencidos todos os suíços. Jaloux conhece e fala por si da literatura de valões com a autoridade que o seu espírito e a sua permanência na Suíça — da qual foi hóspede largo tempo — lhes permitem, certamente esquecer de que, entre cinco milhares de franceses da Société des Gens de Lettres de Paris, cinco por cento não residem na Suíça. O que equivale a dizer: se os franceses sabem tão pouco do que vai por um país vizinho que fala a sua língua, como hão-de conhecer-nos a nós próprios?

Como se vê, não obstante a sua indiscutível supremacia espiritual no mundo das letras universais, nós sabemos mais que eles — pois nós conhecemos a nós e a eles próprios, ao passo que eles se conhecem só a si...



Quando Jaloux — ao centro, de óculos — esteve na Suíça, tirou esta fotografia com os restantes membros do júri do «Prix de la Guilde du Livre de Lausanne». De cigarro: Albert Mermond; a seguir: Ramuz; à direita: Henri Louis Mermond; de frente para a objectiva: Gustave Roud.



O ROMANCE visto por ALVES REDOL

O simples acaso, uma breve apresentação, e eis-nos defronte de Alves Redol — o escritor tão discutido no nosso pequeno mundo literário.

Interessava-nos, por isso, vivamente, ouvi-lo. E como quem não quer a coisa, disparámos-lhe certo, mas lealmente, esta pergunta, prelúdio duma curta troca de impressões:

— Considera o romance essencialmente regionalista, um obstáculo à universalização da literatura?

— O autor de «Gaibéus» fita-nos...

— Naturalmente pergunta-me isso por dizerem que os meus romances são regionais... Contudo, ao construí-los, não penso em criar aquilo a que V. e outros chamam romances essencialmente regionais...

— Mas...

— É o que lhe digo. Quando escrevo não o faço no sentido do pintoresco. Só me interessam os problemas dos homens que vivem nessas regiões, considerando, é claro, a própria região como ambiente e as relações sociais que determinam os problemas.

E mais adiante afirma num tom de voz mais forte:

— O regional não invalida de maneira alguma o universal, pelo contrário. Pense na obra de Tolstoi e nos modernos como Pearl Buck, que trata da China, Salmine, Silone e tantos outros... Bem vê: Há um fundo comum em todos os povos e é isso

que se não deve esquecer ao criar a literatura.

— Mas os seus romances...

— Nos «Avieiros», por exemplo, se encontrarão todos os pescadores vagabundos do mundo, como nos «Gaibéus» todos os alugados de qualquer nação. Eu escrevo para essa raça universal.

Mudamos o rumo à conversa:

— O romance regional deverá ser propriamente etnográfico?

— A etnografia tem o seu lugar como ciência e não pode qualquer romancista tratá-la nos seus livros. Estes poderão, talvez, chamar a atenção dos etnólogos para um caso virgem de estudo. E nada mais.

— E a sua linguagem?

— Adotar a linguagem pura da região é limitar o interesse do romance. Foi esse um dos defeitos de que me libertei no «Fanga», embora nos meus livros nunca tivesse abusado dessa fórmula de expressão. Mas, a verdade é que a escolha e o estudo da lingüística pertencem a uma ciência quasi abandonada entre nós. Faça-a, pois, quem contrair deveres para tal.

— Uma pergunta mais, se não somos indiscretos: O romance regional terá influenciado na conservação dos costumes locais ou terá apenas valor literário?

— Nem uma, nem outra coisa. Os costumes não se conservam porque a conservação só se faz em museus ou em latas, e a vida não pode ser enlatada. Quando um costume se abandona, é porque o povo sente outras necessidades e rejeita o que começa a pesar-lhe. Há para além desse

abandono alguma coisa mais do que o facto em si. O progresso técnico tudo arrasta consigo, deixando logo no caminho o que tem de ser ultrapassado.

— E o valor social? — lembramos a Alves Redol.

— Todos contêm uma mensagem, oculta por vezes, mas sempre possível de se descobrir, se a uma leitura atenta pudermos reunir um estudo exacto da posição do autor na sociedade.

«Arte pela Arte» é uma fórmula demasiado ôca. Toda a arte é social, embora nela se devam distinguir duas tendências: a progressiva e a regressiva.

— Considera o aparecimento de novos romancistas deste género literário como um progresso de largas conseqüências futuras?

— Sem dúvida. De tudo o que está a produzir-se há-de fazer-se a base da literatura do futuro. Em Portugal nunca houve uma tradição de romance. Casos como os de Camilo e Eça foram excepcionais na nossa literatura. Hoje confio absolutamente no futuro do romance português. As grandes obras ainda não apareceram. Mas, sente-se que se aproxima a sua chegada. Os escritores contemporâneos são os pioneiros dessa certeza.

E com esta quasi certeza de Alves Redol nos afastamos: O escritor talvez a continuar os seus conceitos em pensamento; o jornalista com certeza que a seguir obstinadamente a linha das palavras que não queria perder...

A. LOPES DE OLIVEIRA

7 DIAS DE CINEMA

POR FERNANDO FRÁGOSO



Red Skelton, o novo cómico do cinema americano, parece buscar, no livro, as forças necessárias para resistir às sete tentações, que o rodeiam.

O Coliseu deu-nos esta semana um belo filme. Digamos até: um dos melhores filmes exibidos em Lisboa nos últimos meses. «O Libertador», clangoroso título português do célebre «Abe Lincoln in Illinois» é uma daquelas obras que fazem do cinema a forma de expressão ideal para erguer uma figura — e evocar uma época.

É a biografia serena dum homem bom, dum homem simples. Dum homem que venceu e triunfou na vida, e que ficou na História, graças ao seu carácter íntegro, à sua honradez intangível, à simplicidade e ao bom senso de que deu prova! Aquêles valores eternos da alma humana ergueram-no à suprema magistratura da nação Americana. Todas as intrigas políticas, influências poderosas, maquinações inconfessáveis, se quebraram ante a força inconcebível duma vontade firme e decidida, escudada apenas na rectidão e na paz duma consciência limpa.

O «Libertador» é a história dum homem bom. Dum homem que, confiava nos outros homens, mesmo quando tinha razões para descreer. Quando os outros se serviam da política com propósitos inconfessáveis — êle advogou a causa da paz e da justiça para todos. O problema da escravatura encandecia os cérebros, atizava incêndios de Norte a Sul. Lincoln encarou-o com o coração. Não atendeu a rogos, não olhou a combinações. Viu a causa dos negros à luz da sua consciência. E resolveu-a de acôrdo com os princípios que o orientaram na vida, que o fizeram trilhar, quasi involuntariamente, o caminho mais digno, ainda que fosse o mais árduo e o mais longo.

Era um homem dum só rosto e duma só fé. Tinha a persuasão dos simples e a auréola de simpatia que os ilumina. Quando se dirigia ao Povo, contava uma história das que ouvira em criança, para extrair dela, de forma evidente e acessível, a moralidade. Quando os adversários o fulminavam com orações inflamadas e diatribes de comício, Lincoln, sereno e firme, respondia com uma parábola. Os seus argumentos tinham uma solidez inabalável, porque não eram mais do que a voz da razão e da consciência.

O filme evoca a adolescência de Abe, o seu amor pela poesia, a sua indolência, originada por estranhas crises de apatia neurasténica. Depois, a passagem por Springfield, o perfume dum grande amor que acabou trágicamente, e o noivado acidentado com uma mulher, ambiciosa e calculista. Rachador de lenha, dono dum estanco, mais tarde advogado, êste homem

chega aos quarenta anos com a vaga convicção de que falhou na vida. Os políticos julgam-no, a principio, fácil joquete nas suas mãos, e conseguem atraí-lo para os meandros tortuosos das suas combinações. Lincoln depressa os desilude. Quando êles pretendem recuar — é tarde. Este homem esgalgado, de face esquelada, conquistou o Povo. E um dia realizam-se as eleições para o mais alto pósto da Nação. Apresenta a candidatura. Experimenta ainda o amargo sabor da derrota, mas por poucos instantes. O escrutínio final dá-lhe esmagadora maioria. E quando o combóio o leva de Illinois, Lincoln, de pé, no varandim da carruagem, olha a multidão que o aclama, e que se distancia dêle cada vez mais, à medida que a marcha se acentua... Há lágrimas em todos os olhos. Lenços no ar. Estrugem aplausos. Ecoam acordes marciais. Abe Lincoln, o rachador de lenha de Springfield, vai a caminho da Casa Branca. O seu calvário ainda não começou. O passado esfuma-se, lentamente. Um novo capítulo da sua vida, acaba de iniciar-se...

* * *

Há que ver o «Libertador» para avaliar até que ponto o cinema soube elevar-se à altura do tema. E há que vê-lo também, para aquilatar a prodigiosa criação de Raymond Massey, sócia e intérprete da mais venerada figura da história dos Estados Unidos. Compreende-se, aliás, o culto da mocidade «yankee» dos nossos dias, pelo homem que serviu a Pátria com o coração. A biografia de Lincoln está intimamente ligada ao conjunto de factores que fizeram a grandeza dos Estados Unidos e acreditaram então os princípios básicos da sua política. Lincoln não é só o tipo acabado e perfeito do americano, como o mais sugestivo produto do meio. E para a América nada mais grato e reconfortante do que seguir e rememorar a carreira do rachador de lenha, que dirigiu os destinos da nação. Ela demonstra o triunfo inevitável dos valores humanos e a sua cotação firme na Bólsa social da humanidade inteira. A carreira de Lincoln transforma-se dêste modo, num persuasivo alento, à maneira de Marden, para os que descreem da Vida e estão prestes a sobrar, sob pêso das suas injustiças.

E compreendemos melhor a razão que levou êsse outro Lincoln do século XX, protagonista de «Peço a Palavra!» a deter-se, comovido e impressionado, junto da estátua imponente e digna, que nos revela o «libertador», sentado na cadeira da Verdade, na mudez gloriosa da pedra branca — e que perpetuará a sua figura de homem bom, de homem simples, como guardião das instituições e das tradições da Livre América, que êle forjou com a mesma rudeza com que abatia as árvores seculares, na idílica e verdejante Springfield dos seus amores.



Raymond Massey, o magnífico actor que interpreta prodigiosamente a figura de Lincoln, em «O Libertador»

GENTE DE AMANHÃ!

DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE "O SÉCULO"

ansiando, os que pela primeira vez se vêem naquela «aventura» que começou pela viagem o comboio eléctrico, encontrar-se ao ar livre. Depois, vigiados pelos funcionários da Colónia, dirigem-se para o esplêndido edifício, que fica a cinco minutos da estação. O primeiro dia é para arrumação de bagagens e distribuição de lugares. Mas no dia seguinte, então sim, inicia-se a libertação daquelas almas, ávidas de vida pura. Estabelecem-se turnos. Uma rigorosa inspecção médica determina os que podem tomar banhos de mar diariamente, os que o podem fazer dia sim dia não, e os que não devem tomar contacto com a água salgada. Para estes, o desgosto é profundo. Compreensivelmente... A água que não podem sentir, cresce-lhes na bôca...

A hora de levantar é às 8. Os excelentes e higiénicos balneários enchem-se de miúdos; serve-se-lhes a seguir o primeiro almoço: café com leite e pão com manteiga. Às 11 horas, o banho de mar. Uns sorriem ao pensar nêlo. Outros receiam-no e choram. A psicologia infantil de sempre: os que são considerados aptos para o banho, desejariam não o tomar; os condicionados, desejariam estar permanentemente dentro de água!...

O almoço é servido à uma hora. Sopa, um prato de peixe e um de carne, fruta e doce. Dentro do amplo pátio, os miúdos esvoaçam à vontade até às cinco horas, ou seja até à hora da merenda. Às oito, jantam e às dez toca a recolher. Vida simples, sã, quadro que não mais se lhes apaga da idêia.

O sr. Ferreira da Silva, há 10 anos regente da Colónia, é queridíssimo da pequenada. Uma palavra sua, mesmo quando é ordem, toma-se por um bom conselho. Mas as raparigas são mais fáceis de conduzir...

— Repare naquelas que brincam sossegadamente — diz-nos. — Com os rapazes nada pára...

É êle quem nos mostra as dependências da Colónia. As fotos que ilustram esta página, com alguns pormenores curiosos, para subsídios desta reportagem, valem mais que os comentários do repórter: gastam-se por dia 250 quilos de pão, 18 a 20 quilos de açúcar (para um particular era um açambarcamento grave...), 30 litros de leite, 150 quilos de batatas, 10 litros de azeite, enfim, por estes números, o leitor avaliará a grandiosidade e alcance social da obra. E que são 350 bôcas a alimentar... Vinho não entra na Colónia. Sômente água puríssima

A cruzada de O «Século» merece todo o apoio dos corações bons e generosos. E esse apoio, felizmente, cada vez é maior. Para o estimular e dar uma aplicação racional às receitas, lá está Carlos Pereira da Rosa, o «director da Colónia Infantil do seu jornal», que comparece regularmente a acarinar os pequeninos protegidos. E, mesmo ausente, o seu espírito não se dissocia da Obra, que o enaltece porque vive nêlo. Tem o desejo de fazer Bem pelo Bem!...



A mesa convidativa e farta está posta...



A tempestade que assola o mundo, afligindo todos, tem particularmente sido um suplício para as crianças — os homens e as mulheres de amanhã.

Por todo o lado as figurinhas mimosas e gentis são alvo de carinhosa ternura e postas tanto quanto possível a coberto da flagelação que desvairou os espíritos. Todos os dias vemos, em jornais estrangeiros, reportagens amplas sobre colónias infantis, localizadas em sítios onde a metralha não deve chegar. Procura-se conseguir que às crianças nada falte, mormente a alimentação indispensável para garantia de um natural desenvolvimento físico.

Pode afirmar-se, numa síntese, que a criança vive presentemente uma tremenda odisséia. E o que vale aos pequeninos cérebros, alheios a tudo que não seja o entretenimento das suas idades, é exactamente desconhecêrem que há um mundo onde os homens são lobos de si próprios!...

Portugal, graças à Providência e à Prudência, caminha isolado do turbilhão da dor. A sua obra é de paz e de amor. A criança portuguesa, envolta também em ternura, disfruta de tranquilidade e, para a menos bafejada pela sorte, já não existindo alguns meios de lhe proporcionar condições de vida melhor, rodeada de cuidados que nas suas casas lhes não podiam ser prestados.

Fundaram-se entre nós, graças à generosidade e espírito humanitário de bons portugueses, múltiplas colónias infantis. Uma, funcionando todo o ano, outras simplesmente de férias, no período de Junho a Outubro.

Conhecemos várias. Uma, porém — a Colónia Balnear Infantil, mantida há 11 anos, em S. Pedro do Estoril pelo jornal «O Século» — é um exemplo admirável de carinho e beleza. Obra de vulto, que umas simples linhas não chegam para realçar e consagrar. «O Século» tentou desenvolver extremamente, não só mercê da sua capacidade, como acolhendo os que para ela contribuem de qualquer forma. De ano para ano — e já lá vão 17, depois da sua fundação! — a Colónia é melhorada e aos seus pequeninos habitantes ofertadas maiores comodidades e regalias.

A iniciativa alarga-se, amplia-se, torna-se mais bela, mais social, projectando-se em mais vasta extensão. A sua actividade começa em Junho. Para os pequeninos é uma perspectiva de felicidade — e de sonho!

Parte o primeiro turno, compreendendo como os demais, 350 crianças. Bando de passarinhos chilreando, que durante quinze dias podem dar livre curso à sua alegria, esvoaçam sem perigo e sem obstáculos e receber os benéficos efeitos dum estadia onde nenhum pormenor é esquecido. Os turnos são alternadamente de rapazes e de raparigas e substituem-se quinzenalmente. É curioso assistir-se à chegada. Em todos os rostos espelha-se uma expressão macerada por uma vida curta, mas já polvilhada de dificuldades. As idades admitidas na Colónia, vão do mínimo de quatro anos ao máximo de doze. Saem do comboio, irrequietos,

Alto lá, quietinhas, que a vez do banho há-de chegar a todos. O mar não vai secar!



Fresquinhas de água salgada, as miúdas esperam a hora do almoço. Toca a brincar!



Vaidosa, hein? Depois do banho, ela mesma se penteia. Resta saber como fica o penteado...

(Fotos SERÓDIO)

Coitadinha, esta não queria ir para o banho. Então, não chores!...



O TEATRO ALEMÃO DURANTE A GUERRA



Uma cena de «Mais uma vez Napoleão», de Heribert Menzel, que está a ser representada por Kitty Stengel e Karl Haubenreiser, no Teatro do Estado, de Berlim.

A cultura de um povo é elemento fundamental da sua existência. Um povo que, realmente, despreza as fontes espirituais e de inteligência para servir-se exclusivamente da sua força como função social — não será o eleito entre as nações para a condução do mundo das idéias. Entre essas fontes de cultura, como agente directo nos processos de actuação junto das massas, ninguém pode negar ao Teatro uma altíssima função moral, educativa e de instrução — quando o Teatro atinge, de facto, o nível que lhe é devido.

A Alemanha, não obstante a guerra que parece absorver globalmente as atenções dos povos, também mantém o Teatro na função social para que tem sido alimentado. As casas de espectáculo, em Berlim, mantêm-se em pleno funcionamento, com artistas de grande categoria, ao serviço de autores modernos e clássicos.



Outra cena de «Mais uma vez Napoleão», de Heribert Menzel, e que, como dizemos ao lado, está a ser representada com êxito no Teatro do Estado, de Berlim.



No mesmo teatro, representou-se, com grande êxito, «O parasita», de Shiller. Vê-se que o público gosta das reconstituições históricas e das grandes montagens com indumentárias caras...



«Fugindo ao amor» é o título de uma nova peça de Renato Uhl — a acção desta passa-se na actualidade — e que está a ser muito discutida pelo público, que esgota a lotação do Teatro do Estado.



No Teatro Admiralspalast, Hertha Meyen e Franz Meigl estão a cantar a opereta de Nico Oestel, intitulada «Manina».

OS SOCIALISTAS DE 1912

DO PACÍFICO «COMBATE» À ESTREPITOSA «BATALHA»

PARTIDOS OU SINDICATOS?

NOSSES alvares turbulentos da República, já com a Casa Sindical a funcionar e o célebre «Sindicalista» em plena auge, o Partido Socialista Português enquistou. E é lógico que assim tenha permanecido, desprovido da classe média, mobilizada pela República e seu conjunto de interesses, e esfarrapado nos sindicatos e cooperativas pelas urgências de um proletariado numeroso e abandonado de legislação adequada, mas aguerrido nos combates de rua.

Os nossos socialistas, núcleo ultra-pacífico e honradote, incapaz de sair como colectividade após o sol-pósto, vingava-se em saborosas caldeiradas e vinho de Colares sem mistura. Em lugar de burgueses, comiam-se, assados raivosamente, carapaus pingando molho à espanhola; e, uma ou outra excursão, e ra dedicada aos odoríferos mexilhões.

Única expansão revolucionária, nessas começainas de grandes alguidares consumiam-se quer o colorau picante, quer a cebola lacrimejante — tudo suavizado pelo abundante azeite louro, em bolinhas e para snafados bolinhos, daqueles tempos.

Ainda que essencialmente recreativos, os socialistas não paravam. Pelo menos de comer. Nesse tempo tudo era barato e bom, pode mesmo escrever-se fresco, viridente, atraente. Tiveram sempre a minha infantil solidariedade. Que haviam eles de fazer, sendo operários sem trabalho na política, excepto as caldeiradas? As honestas e prolíficas ingestões, de horas deliciosas e sem fim, concluídas sempre, na paz arrabalzina e dominical de Cabo Ruivo. Ressoava a voz jovem e cristalina de João Maria dos Anjos, fundador da Imprensa Nacional, e hoje em dia um monumento da «poesia popular», esquecido pelo Manuel Martinho devido a concorrências profissionais.

Urbano, com aquela sincera e enternecedora simpatia e efusão, suas características, estava Júlio Silva, o homem sem mancha e sempre com graça. Muito inteligente e sensível, inalteravelmente bondoso, ninguém como ele arregaçava as mangas da camisa, dava os piparotes usuais no «palhinhas» e metia a limpiíssima mão de homem educadíssimo na caldeirada. Não voltai a encontrar em todo o mundo, gente mais correcta e bondosa que os artifices nada desportivos do meu tempo. Eles chegaram para animar o movimento recreativo; para manter e fazer prosperar a «Voz do Operário» e os seus cinqüenta mil assinantes, prolongando-a, sempre em zelosas mãos, até os dias de hoje, em que é dirigida pelo sr. Raúl Esteves dos Santos — pessoa pitoresca e inteligente, bem digna de um artigo autónomo — figura prestigiosa e de matiz muito própria; e levar o estandarte dessas sociedades populares e recreativas honradamente até à Federação oficializada de hoje, mas sempre a olharem, enternecidos, esses recantos onde tantas gerações baírristas se perpetuaram através de pais, filhos e netos.

Mas a verdade é uma só: aquêles tempos aguerridos, e que vertiginosamente nos aproximavam da outra grande guerra, exigiam, não a anquilose do velho Partido Socialista, mas um instrumento mais célere, qualquer coisa de aguerrido e instantaneamente mobilizável. Ora essa arma nova só a encontramos, mais levados pelo instinto da auto-defesa que pela ciência, de resto todavia balbuciante, do sindicalismo e da violência aplicada pelo lógico instrumento que é o sindicato profissional.

Não antecipemos, porém. É, essencialmente, não convertamos estas notas do tempo ido em páldio e embaraçoso curso de sindicalismo faraónico.

Ora havia, invariavelmente, naqueles ágapes, um sujeito calado, muito caladinho. Ventrudo, de pernas finas e de botas de elástico, mestre António Francisco Pereira, categorizado mestre impressor da Imprensa Nacional de Lisboa, então como hoje exigentíssima, tudo parecia menos um operário gráfico.

Lunetas grossíssimas, excedendo toda a graduação verosímil, olhos reboludos como repólhos, dirigia

o mais pacífico dos semanários: o «Combate». Ele foi depois episódicamente diário; a sua vida substancial decorreu, sempre, sob a estrela em fôlha de Flandres, iluminada a petróleo, cujos melancólicos reflexos se expandiam, escadas acima do modesto Centro da Rua do Bemfornoso, até à sala de redacção, que vinha a ser a cantina mais o sr. José Bicho, natural da Covilhã, e operário têxtil autor de umas deliciosas «molettes» cujo nutritivo suco até tinha ovos frescos!

Debaixo da tal estrela opaca, precursora de todos os acontecimentos posteriores, havia, ainda em Maio ou Junho de 1915, uma caixa também de lata e abaulada. Por causa das dúvidas — pois ainda assistiam então na Mouraria, de que a rua do Bemfornoso é uma espécie de Chiado com suas mundanas — estava a caixa milagrosa presa à parede com cadoado e pregos de cavilha. E, colado, oscilava um velho letreiro com a recomendação: «...os companheiros que queiram comunicar com o companheiro director de «O Combate» devem...»

Escrevi, voltei a escrever, consumi metade dos cabelos e três quartos de uma noite, palmel a minha mãe um caderno de papel almaço, azulengo, como aquêle em que escrevia Camilo, de linhas estreitas como aquêle autor usava, e... de prosa consideravelmente diferente.

Era um vulgaríssimo e arrebicado artiguelho, com uma frase do «Manifesto Comunista» e onde desenvolvia o projecto de criação de uma Juventude Socialista de Lisboa. Por coincidência, eu trabalhava, como aprendiz de tipógrafo, na casa de obras onde o «Combate» sala. Assinara com pseudónimo e, por cada monte de original, eu pensava para os meus botões:

—Será ou não será? Não deve ser! Os «gajos» têm muita tralha. E o mestre é maluco. Se calhar esquece-se. Também, êsse estupor tem a mania de compor peças de teatro, que nós temos de compor, em vez de olhar pela «craíra»...

Esta última designação, applicava-se às tipografias pequenas, pululantes então em Lisboa. Quanto ao teatro, era também verdade. E o malvado, cuja assistência era na escadinha das Olarias, digna rival das escadilhas do Duque, passava o tempo a assoprar num desaffinadíssimo flautim cuja palheta substituiria ele por uma unha que deixara crescer de propósito... por economia!

Quási paginado o pacífico «Combate», e eu, de mãos encardidas pela tinta das inúmeras provas que tirara, o sr. Ferreira, o meu mestre, transformou-se num anjo, ao chamar-me e dizer, puxando os óculos para a testa encarvoada e enrugada:

—Luís: já que és um «braço forte», despacha-me êste original que o António Francisco Pereira manda com a nota de «cobrigados».

O meu artigo! Babei-me de emoção e chorei, umas grossas lágrimas que iam distinguindo serenamente as tintas tipográficas acumuladas na cara, o barrête de papel, à guisa de pala imaginária, que usávamos na cabeça e os dedos, cujas cabeças, usadas pela fricção do tipo, vertiginosamente distribuído por milhares e compôsto por milhões, reluziam...

Um psicólogo, o meu santo mestre, talento jámais reconhecido pelo Robles Monteiro mas que desde então veneratei ao máximo!

—Porque choras? Deixa cá ver aquelas provas... Olá! Este artigo é teu!

E estendia-me o dedo acusador, tal qual a Angelina Vidal em qualquer dos seus bronzeos alexandrinos da dominical «Voz do Operário».

—E com pseudónimo! Tens medo?

—Não! Tenho... vergonha.

—Então, deve haver grossa asneira. Ora vamos a ver êste «chouriço de sangue».

Leu. Cortou quatro banalidades, corrigiu meia dúzia de incorrecções mais acentuadas. Depois, disse-me:

—Anda. Faz de conta que não é teu.

—Senhor Ferreira... Faça-me um favorzinho!

Não diga a ninguém que é meu. E deixe-me rever e olhar pela impressão, para que o registo fique certo.

E o sr. Ferreira, como um Napoleão, deixando cair os óculos ao desenrugar a testa:

—Concedido!

Trabalhei como um galego. Mas quando o meu tranqüillo «Combate» já estava todo paginado nas suas reluzentes quatro páginas, que alegria criada! Para mais, o mestre colocara o meu artigo na cabeça de uma coluna, com o título:

—Avante!

Acompanhei religiosamente o moço das fôrmas à casa onde era impresso. Disse ao impressor:

—Cuidadinho que há para aí umas eleições! Tome cuidado.

—Descansa que não perdes a eleição...

—Mas há companheiros, como o Miguel Luis Vieira, dos cortadores de carnes verdes; o César dos Santos, dos músicos e que esteve na Alemanha e na Rússia e tocou rabeça diante d'esses imperadores que andam agora ao «estalos!» E também o Fernandes Alves, que escreve a «Voz do Operário» toda inteira e ainda tem estaleca para escrever nuns trinta ou quarenta jornais.

Tudo estava exacto, embora exagerado pela minha fantasia. Miguel Luis Vieira mantinha, por exemplo, nessa altura, uma inteligente e ponderada campanha contra um Instituto útil que degenerara em farsa e exploração: — o dos monte-pios de auxílio mútuo, sagados por um enxame vil de burocratas desalmados, e o das casas de empréstimos sobre penhores, ainda hoje em dia injustificáveis e a pedir total supressão.

Mas os interesses pululantes na classe média, urgentemente precisados de alimento e de condimento, devoraram os restos da sociedade monárquica. O sindicato urgia e o partido de classe, operário, era impossível. O «Combate» convertera-se em «Batalha».

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA



António Francisco Pereira



Júlio Silva

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

Capítulo XI — A participação americana

6

A PREPARAÇÃO DA OFENSIVA

QUANDO o sr. Churchill regressou a Londres da sua visita aos Estados Unidos, o estado de espirito predominante nos dois países estava longe de poder considerar-se satisfatório. Ingleses e americanos revelavam uma tendência evidente para se atribuírem reciprocamente as culpas dos reveses sofridos nos campos de batalha, os quais, naquela altura, podiam resumir-se assim: queda da Birmânia, com o consequente isolamento da China; conquista de Tobruk pelas tropas do Eixo; ocupação de Sebastopol pelos alemães na frente leste.

As críticas mais aceradas eram formuladas pelos americanos. Nos Estados Unidos revelava-se uma tendência acentuada para atribuir

«Temos de estar reconhecidos à Grã-Bretanha por que foi ela que, durante três anos, manteve a resistência com uma coragem e um espirito de sacrifício que honram o povo britânico. Nesta hora sombria que atravessamos, precisamos de ser realistas e generosos, reconhecendo que, sem a atitude do povo britânico, a nossa própria posição seria actualmente muito mais arriscada. «Em Londres o debate parlamentar, que se seguiu ao regresso do sr. Churchill, revelou pela primeira vez a existência dum grupo, numeroso de deputados que se manifestava ostensivamente contra a forma por que a guerra estava a ser conduzida por parte do Primeiro ministro e dos seus colaboradores.

UM COMUNICADO TARDIO

As conversações Churchill-Roosevelt de Junho, tinham decorrido no meio dum segredo impenetrável, e das suas consequências nada fôra revelado. Entretanto, era convicção geral que os motivos imperiosos que existiam nesse momento eram suficientes para justificar a sua realização e para indicar os assuntos que nelas deveriam ter sido tratados: diminuir os efeitos da guerra submarina; enfrentar a ameaça que impedia sobre o Egipto; aumentar o envio de material de guerra e equipamentos para a Rússia já que ninguém julgava viável a ideia da criação imediata duma segunda frente na Europa.

O grande público ignorava que, como seguimento imediato dessas conversações, se haviam realizado logo depois, em Londres, importantes conferências às quais haviam assistido exclusivamente os chefes militares responsáveis dos dois países. Só dois meses mais tarde, em 8 de Setembro, foi publicado em Washington um comunicado oficial que revelava o seguinte: «Os chefes dos Estados Maiores das várias armas, acompanhados pelo sr. Hopkins, realizaram importantes conversações que se prolongaram por um período de dez dias com os chefes dos serviços militares da Grã-Bretanha e com o Primeiro ministro deste país. No decurso destas conversações foi examinado o conjunto da guerra nos vários teatros de operações e, com o acordo do Presidente, foram tomadas importantes decisões que se referem à condução das operações militares no futuro.

Que razões haviam determinado a demora na revelação do encontro entre os chefes militares anglo-americanos? Que decisões haviam sido tomadas no decurso desses encontros? Não haviam bastado as combinações feitas em Washington pelos srs. Churchill e Roosevelt, ou estas não tinham podido concluir-se por um acordo e os chefes militares foram encarregados de o conseguir, em subseqüentes chefes políticos? Estas interrogações apareciam amplamente justificadas pela demora verificada na publicação da nota da Casa Branca.

QUATRO MESES DEPOIS

Quatro meses depois, falando na Câmara dos Comuns para dar conta dos acontecimentos que se estavam passando em Africa e que tinham entrado numa fase decisiva com o desembarque anglo-americano, verificado no dia 8 daquele mês, o Primeiro ministro fazia algumas revelações sobre o que se passara em Washington e em Londres, em Junho e em Julho:



General Arnold

«Na minha primeira visita a Washington, depois dos Estados Unidos terem sido atacados pela Alemanha, pelo Japão e pela Itália (essa visita realizou-se durante os meses de Dezembro de 1941 e Janeiro de 1942), Roosevelt preconizou a ideia de que a Africa do Norte francesa era o local mais apropriado para a intervenção americana no teatro de guerra occidental. Concordámos plenamente com este ponto de vista. Todavia era dever evidente, tanto da Grã-Bretanha como dos Estados Unidos, fazer todo o possível para dar auxilio mais directo à Rússia por meio dum desembarque libertador na França. Por isso foram estudados, com a maior atenção, pelos Estados-Maiores, ambos os planos e feitos os preparativos para ambas as possibilidades, alteradas ou simultaneamente.

Quando o general Marshall e o almirante King vieram à Grã-Bretanha primeiro em Abril, depois em Julho, foi decidido, da segunda vez, manter o inimigo nas costas francesas e atacar no seu flanco sul, no Mediterrâneo. Esta decisão dos Estados-Maiores anglo-americanos foi tomada de pleno accordo e os seus pontos de vista foram partilhados e adoptados pelo presidente Roosevelt e pelo Gabinete de Guerra britânico. Ao planearem estas operações em conjunto, os oficiais dos dois Estados-Maiores anglo-americanos colaboraram como irmãos. As ordens para o desembarque no Norte de Africa foram, assim, expedidas desde o mês de Julho em que os americanos estiveram em Londres.

A EXPLICAÇÃO DUM PLANO

A estratégia anglo-americana, assente nas conferências a que nos estamos referindo, aparece assim esclarecida pelas revelações do Primeiro ministro. Aos que reclamavam a criação da segunda frente europeia, o exército a Dieppe tinha demonstrado que qualquer tentativa nesse sentido estava, de ante-mão, condenada a um malogro certo. Mas a dispersão das forças do Eixo, e especialmente das forças alemãs que se haviam concentrado na frente leste, era a condição fundamental da continuação da guerra por parte dos Aliados. Sem essa dispersão, o aliado russo seria batido, pôsto fora de combate e todas as ideias e preparativos encarrados teriam de ser revistos à luz duma nova realidade: o desaparecimento do último aliado continental que restava

aos países anglo-saxónicos e a necessidade, para estes, de enfrentarem, apenas com os seus recursos, todo o peso da máquina militar do Reich. Esta hipótese não podia deixar de ser encarada com inquietação, tanto em Londres como em Washington.

A diversão exigida pelas circunstâncias tinha de ser procurada num ponto onde pudesse realizar-se mais facilmente do que na costa atlântica da França. Esse ponto estava naturalmente designado: era a zona mediterrânica da Europa. Procedendo assim, o bloco anglo-americano recolhia ainda a vantagem de poder atacar o bloco adverso não no seu ponto mais forte, o Reich, mas no seu ponto mais fraco, a Itália. Esta ideia aparece frequentemente expressa, a propósito da última conflagração, nas «Memórias» que sobre elas escreveu o actual Primeiro ministro da Grã-Bretanha.

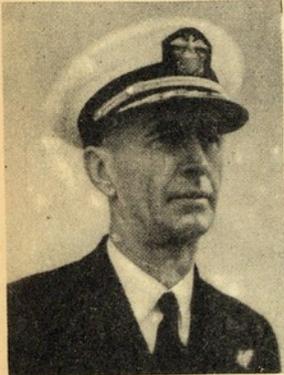
Mas para que este plano pudesse ser executado, com um mínimo de probabilidades de êxito, era necessário que se verificassem simultaneamente três condições: 1.ª — Que a resistência russa se prolongasse durante algum tempo; 2.ª — Que os alemães e italianos não penetrassem profundamente no Egipto, atingindo o vale do Nilo; 3.ª — Que os dirigentes do governo de Vichy aviassem colocado no Norte de Africa dessem o seu assentimento e a sua cooperação ao projecto de desembarque assim encareado. Resumindo: para que a estratégia anglo-americana resultasse, era preciso um conjunto de circunstâncias particularmente felizes e que essas circunstâncias se verificassem simultaneamente. Os meses que se seguiram, entre Julho e Novembro, foram consumidos em preparativos e na resistência em Africa e na Rússia, resistência que era a condição fundamental do êxito dos planos concertados em Londres e em Washington.

OS PREPARATIVOS ANGLO-AMERICANOS

Mas em Setembro, quando foi anunciada a visita dos chefes militares norte-americanos realizada em Julho, tanto o Presidente dos Estados Unidos como o Primeiro ministro da Grã-Bretanha haviam levantado uma ponta do véu que se resumia nestas palavras: Os anglo-americanos, depois de procurarem enfrentar a grande ofensiva desencadeada durante o verão pelas potências do Eixo, faziam, por sua vez, largos preparativos para, por sua vez, tomarem a iniciativa no momento oportuno.

Falando de Washington, em 7 de Setembro, numa das suas palestras à laicista, o sr. Roosevelt dizia: «Foram tomadas por nós certas decisões de importância vital. No momento oportuno essas decisões serão conhecidas pelos nossos inimigos. Posso apenas dizer que todas elas se encaminham no sentido da ofensiva. O nosso objectivo principal é realizar uma ofensiva contra a Alemanha. Há, pelo menos, dois pontos diferentes onde o ataque pode ser desencadeado contra ela. Podeis estar certos de que, para isso, se estão a fazer preparativos, tanto aqui como na Grã-Bretanha. O porta-aviões militar, o Hetch será batido nos campos de batalha da Europa».

No dia seguinte, 8 de Setembro, dia em que foi publicado em Washington o comunicado da Casa Branca que dava conta da visita em Julho do general Marshall e do almirante King e do general Arnold, a Londres, o Primeiro ministro dizia na Câmara



Almirante King

queda de Sebastopol à falta de iniciativa britânica para a criação duma segunda frente europeia e a perda de Tobruk e da Birmânia à falta de uma conveniente preparação militar. Os ingleses manifestavam, frequentemente, a opinião de que os desaires militares, no Extremo Oriente e no Pacífico, eram a consequência inevitável do desastre de Pearl Harbour e da conquista das Filipinas pelos japoneses.

No seu discurso de 22 de Junho, a que já nos referimos, o sr. Harry Hopkins elevava a sua voz, que era em última análise a voz do Presidente dos Estados Unidos, contra essas críticas especialmente na parte em que elas procuravam atingir o esforço de guerra britânico. E um dos mais importantes jornais americanos, o «New York Times» teve de sair igualmente à estacada escrevendo:



Willkie

dos Comuns: «Durante um período de dez dias foi explorado, pelos nossos chefes militares, todo o vasto campo da guerra. Foram tomadas decisões duma importância vital que se relacionam com a condução futura das operações, não só na Europa como no resto do mundo. Estas decisões estavam de acordo com os desejos do Presidente Roosevelt e tiveram a sua aprovação final. Chegámos a um completo acordo com os nossos aliados americanos. Esse acordo cobre todo o campo da guerra e diz também respeito às medidas de produção e administrativas exigidas, para levar a cabo o nosso esforço de guerra.»

O ANIVERSÁRIO DA CARTA DO ATLÂNTICO

O dia 14 de Agosto, primeiro aniversário da Carta do Atlântico, documento que fôra assinado pelos srs. Churchill e Roosevelt quando os Estados Unidos ainda não participavam directa e activamente no conflito, foi o pretexto para se afirmar a solidariedade anglo-americana que agora se estendia sob os campos de batalha. Nesse dia o Presidente dos Estados Unidos enviou ao sr. Churchill um telegrama em que se afirmava: «Há um ano, eu e o Primeiro ministro da Grã-Bretanha assinámos uma declaração de princípios comuns em nome dos nossos dois povos. Baseámos, e continuamos a basear, as nossas esperanças na construção dum mundo melhor na realização dos princípios inscritos nesse documento. O seu nome é a Carta do Atlântico. As nações que, há um ano, resistem em toda a parte do mundo encontram-se agora unidas. Formam uma grande união que se propõe aplicar aqueles princípios, depois da vitória, em toda a parte. A sua fé na vida, na liberdade e na independência dos povos, na liberdade religiosa e na defesa dos direitos da humanidade é inabalável e forma a substância da acção das Nações Unidas. Quando a vitória coroar os nossos esforços, devemos conservar-nos unidos como agora para a realização dos grandes ideais por cujo triunfo actualmente combatemos. Será uma batalha decisiva e a sua importância será certamente reconhecida através dos tempos por toda a humanidade e especialmente pelos homens que conheceram as horas sombrias que o mundo presentemente atravessa.»

A mensagem do Presidente dos Estados Unidos teve uma larga divulgação nos países de língua inglesa. Tanto na Grã-Bretanha como nos Domínios ela foi acolhida como uma afirmação de que o sr. Roosevelt estava decidido a manter o esforço de guerra do seu país.

OS AMERICANOS DESFILAM EM LONDRES

O dia 3 de Setembro foi assinalado pela passagem do terceiro aniversário da entrada da Grã-Bretanha na guerra. Os motivos que imediatamente haviam determinado essa entrada tinham-se perdido, quasi completamente, na memória dos homens. Quantos se recordariam ainda de Dantzig e dos compromissos assumidos pela Grã-Bretanha em relação à Polónia, os quais haviam imediatamente determinado a sua intervenção no conflito? Dantzig era um episódio da história que já parecia perdido na bruma dos tempos. A Polónia tinha perdido a sua independência, repartida entre russos e alemães. Três annos volvidos sobre o inicio do conflito, era occupada exclusivamente por tropas alemãs.

Entretanto a guerra evolucionara e transformara-se numa conflagração mundial. Se alguém procurasse restituir-lhe a sua fisionomia inicial, esta apparecia irreconhecivel e incompreensivel. Todas as grandes potências do mundo acabaram por se envolver nella. E das pequenas potências era cada vez mais reduzido o número daquelas que conseguiam manter-se à margem do conflito que alargara o teatro dos seus estragos a todos os continentes e a todos os oceanos.

Na Espanha, para comemorar aquelle facto, desfilaram pela primeira vez tropas americanas na cidade de Londres. Eram apenas trezentos homens. O seu commando devia ser pessoalmente assumido pelo general Eisenhower. Mas como este official tivera de se ausentar para os Estados Unidos (era já dos preparativos para o desembarque no Norte de Africa que elle se occupava activamente) o commando foi assumido pelo general Lee que era um dos mais directos colaboradores do general Eisenhower. O desfile fez-se no meio das aclamações da população londrina que viam nelle uma prova de que a intervenção militar dos Estados Unidos começava a traduzir-se praticamente não apenas pelo envio de material de guerra mas pelo envio de soldados destinados a bater-se ao lado dos soldados britânicos. Para muitos, que haviam assistido ainda à fase final da última conflagração, era a fraternidade de armas verificada um quarto de século antes que se renovava mas desta vez em condições particularmente difficeis.

A VIAGEM DO SR. WILKIE

Os americanos foram recebidos no Guildhall onde o Secretário de Estado para os Negocios Estrangeiros, sr. Eden, fez um discurso que foi simultaneamente de boas-vindas e uma revista da situação militar e politica naquêlle momento. O Primeiro ministro não se encontrava em Londres. Deslocara-se ao Próximo Oriente e à Rússia, em missões de que nos occuparemos noutro captulo d'êste trabalho. O seu substituto official, sr. Attlee, também não se encontrava no país, pois fôra enviado ao Canadá e aos Estados Unidos em missão de certa importância.

Em comêços de Setembro o sr. Wendell Willkie, candidato derrotado na última eleição presidencial norte-americana, cujos pontos de vista em matéria de politica internacional eram sensivelmente idénticos aos do vencedor, o sr. Roosevelt, empreendia uma longa viagem ao estrangeiro. Essa viagem revestia-se dum interesse incontestável, pois ninguém ignorava que, embora realizada a título pessoal e particular, ella era realizada com a inteira aprovação e concordância do Presidente dos Estados Unidos. E dada a coincidência de pontos de vista que, entre os dois homens, se registava, não seria de estranhar que às palavras que proferira o sr. Willkie viesse a proferir nos lugares por onde tivesse de passar, se attribuisse alguma coisa do pensamento politico do sr. Roosevelt.

O sr. Willkie esteve no Egipto, onde visitou as forças britânicas que já nessa altura preparavam um contra-offensiva de Outubro, no Próximo Oriente, na Turquia e na U. R. S. S. Era essa a zona de guerra que especialmente interessava aos Estados Unidos conhecer, pois era para ella que seguia uma grande parte de material norte-americano e era nela que, possivelmente, os seus soldados teriam de se bater quando para isso chegasse o momento apropriado.

(Continua)



EM LINGUA PORTUGUESA
(Recorte esta tabela para referência futura)

Horas	Estações	Ondas curtas	Estações	Ondas curtas		
6,45	WGRC	31.1 m.	9.650 kc/s.	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.
8,45	WRUW	49.6 m.	6.940 kc/s.	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.
11,45	WKRX	30.3 m.	8.897 kc/s.			
	WDL	30.8 m.	9.750 kc/s.	WGEO	19.6 m.	15.330 kc/s.
12,45	WKRX	30.3 m.	9.897 kc/s.			
	WKRX	30.3 m.	8.897 kc/s.			
16,45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.	WDO	20.7 m.	14.470 kc/s.
17,45	WDO	20.7 m.	14.470 kc/s.			
18,45	WDO	20.7 m.	14.470 kc/s.			
19,50	WGEO	19.6 m.	15.330 kc/s.	WDO	20.7 m.	14.470 kc/s.
21,00	WGEO	19.6 m.	15.330 kc/s.			
22,00	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.	WGEO	19.6 m.	15.330 kc/s.
23,45	WDL	30.8 m.	9.750 kc/s.			
00,45	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.			

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 - LISBOA
Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

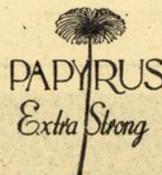
PAPYRUS

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas

A venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.^a (Filho)
Rua dos Correiros, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854



AQUI
JAZEM

TODOS OS DENTES

que não têm sido lavados
com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS

Húmectas

MEDICINAIS

e capazes de

destruir os

microbios da

boca, são ha uma

EVITA

estomatites

mercuriais

ou buccalgicas

TRATA

gengivas das

carneadas

Couto, Lda. Porto

1, 5, 20, 50, 100

CALCADA DA GLÓRIA

Do «Novo Dicionário da Língua Portuguesa» prestes a vir a lume, transcrevemos alguns vocábulos e a sua significação. Obra notável, produto de vasto e complexo labor, êste «Dicionário» vem preencher uma lacuna até agora existente nos meios literários.

|| ||

AMOR — Micróbio que se introduz no corpo das pessoas, provocando doenças gravíssimas. Combate-se com o casamento.

|| ||

AÇÚCAR — Pó branco ou amarelo, raríssimo, destinado a adocicar a bôca. Vende-se nas framácias e usa-se em pequeníssimas doses.

|| ||

ARROZ — Planta muito estimada entre os chineses. É bastante rara na Europa.

|| ||

BATATAS — Raiz tuberculosa que se encontra no campo — a ares.

|| ||

BRUXA — Vidé Vidente.

|| ||

CONDESSA — Senhora que goza as honras correspondentes às do conde, mas nem sempre os proveitos dêste.

|| ||

DESASTRE — Sinónimo de casamento.

|| ||

FIGADO — Espécie de iscas.

ANTÓNIO MACEDO!



Três idades passaram nesta orla

Do mundo:

A d'oiro, a da prata — e da borla...

Macedo, o grão senhor de mil beldades,

E bom rapaz no fundo,

Pertence a tôdas estas três idades;

Risonho acolbe quem na bilbeteira

Despeja oiro a semana inteira;

Mas nem por isso grita, em aranzel,

Se em vez d'oiro, lhe derem só papel

E aos que não dão nada — ô ilusão!

Nem mesmo a êsses — êle diz que não...

AUGUSTO GILETTE

GALO — O marido da galinha. O superlativo de frango.

|| ||

IDEAL — Sonho que todos nós temos quando estamos acordados.

|| ||

MANTEIGA — Substantivo feminino usado antigamente na linguagem doméstica.

|| ||

OPORTUNIDADE — Momento psicológico em que certos cavalheiros resolvem dedicar-se à política.

|| ||

PERMANENTE — Forma de penteado muito em moda nas senhoras, e que não dura mais de quinze dias.

|| ||

RESTO — O último dos intestinos.

|| ||

SABÃO — Preparação tão artificial que se não encontra no mercado. Também se emprega no sentido de homem de ciência muito erudito e, em regra, bastante porco.

|| ||

VAGA — Uma coisa rara que, quando se pretende, já está dada.

|| ||

ZIMBÓRIO — Termo usado na architectura para designar a calva majestosa de certos homens ilustres.

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Como se faz um oficial da

MARINHA AMERICANA

NINGUÉM deixou de reparar que muitas vezes se fala nos jornais de postos no exército e da marinha estrangeiros que não têm equivalência nas patentes portuguesas. Esta guerra, fala-nos de postos que nós não conhecemos, e frequentemente vemos que um major acaba de ser promovido a tenente-general...

Falemos hoje, porém, somente, da carreira de um oficial da marinha americana, que também tem os seus contrastes com a carreira dos oficiais portugueses. A mesma escola do mar, a mesma disciplina e dificuldade, de acesso sem dúvida que são pontos comuns à vida de todos os marinheiros de todo o mundo.

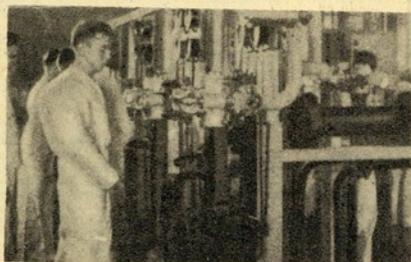
Começemos, portanto, pelo princípio, isto é: pouco depois dos estudos na escola de instrução primária e nas escolas secundárias ou liceus. O jovem americano que deseja sulcar os mares como elemento da marinha de guerra, tem que matricular-se na Naval Academy, de Annapolis. Presta algumas provas — talvez as correspondentes a um menos rigoroso que o nosso exame de admissão aos cursos superiores — nomeadamente de matemática e geografia, sem esquecer as que dizem respeito às de aptidão física, indispensável a um homem do mar. Fica, então, em Annapolis — e não se pode dizer que a sua vida seja das folgadas. Levanta-se às cinco horas, e nas restantes 19 mal tem tempo de comer e dormir: todo o tempo é pouco para as aulas de matemática, máquinas, línguas modernas — de maneira que, mal tem tempo de respirar.

Mas, enfim, esta existência penosa também tem compensações: maravilhosos cruzeiros de exercício, a bordo de velhos torpedeiros, durante o Verão. E, então, durante o Inverno — os convites para os bailes em casa das melhores famílias de Filadélfia!

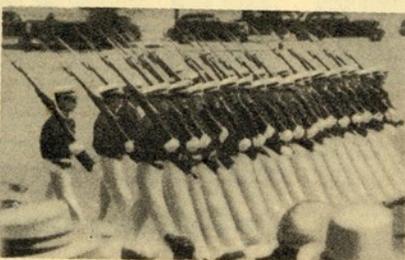
Enfim, o estágio de Annapolis termina com um exame que é logo seguido de promoção a guarda-marinha — o que corresponde à patente de tenente de um exército de terra. Vem, agora, cinco belos anos sobre o mar, com fugas pelos países mais distantes, mais esquisitos e magníficos. É certo que a sua patente não lhe dará ocasião de brilhar ainda — onde há galos de fama... — e que o ir encarrapitado numa torre de um couraçado não é muito convidativo. Mas, ao fim de três anos, já poderá embarcar num «destroyer». Dar-lhe-ão três meses de férias, com ordenado pago, e a possibilidade de correr a casar com a noiva de Filadélfia — o seu primeiro par, no seu primeiro baile...

É agora tenente da marinha. Vai embarcar num grande cruzador: começam as manobras de três meses, para o largo das Antilhas ou ao largo da Califórnia. Mas, um belo dia, um rádio vai-lhe dizer que é papá... Ah! como ele desejaria que o barco tivesse asas!...

Enfim, regressa. Porém, antes de ser capitão, terá que passar um ou dois anos por Washington, onde, aliás, não poderá usar uniforme, salvo em recepções na Casa Branca. A vida será, então, difícil: casa posta, fatos novos para ele e para a esposa, abrir as salas para as recepções... e o trabalho no Ministério da Marinha e refeições à pressa na «Cafeteria» do Navy Building. Agora, porém, que é capitão e ganha 5.600 dólares por ano — alguma coisa que se pareça com 10 contos da nossa moeda, em cada mês — partirá para o Pacífico, regressando para o estágio no Naval Gun Factory — o serviço técnico que vigia os comandos dos canhões e blindagens. Depois, há ainda mais um ano no Naval College — a escola de guerra dos oficiais superiores da Armada e, finalmente, será esse vice-almirante de três estrelas magníficas, aspiração suprema de um brioso cabo de guerra!...



Antes do tirocínio no submarino, é preciso aprender a manejar as máquinas...



Os aspirantes de Annapolis não devem ser garbosos só nos barcos: também nos doces.



Agora, já é comandante de um couraçado. Sob as suas ordens, trabalham 15.000 homens...



Sobre o vidro de uma mesa, ainda na Naval Academy, os rapazes recebem a primeira lição de táctica marítima.

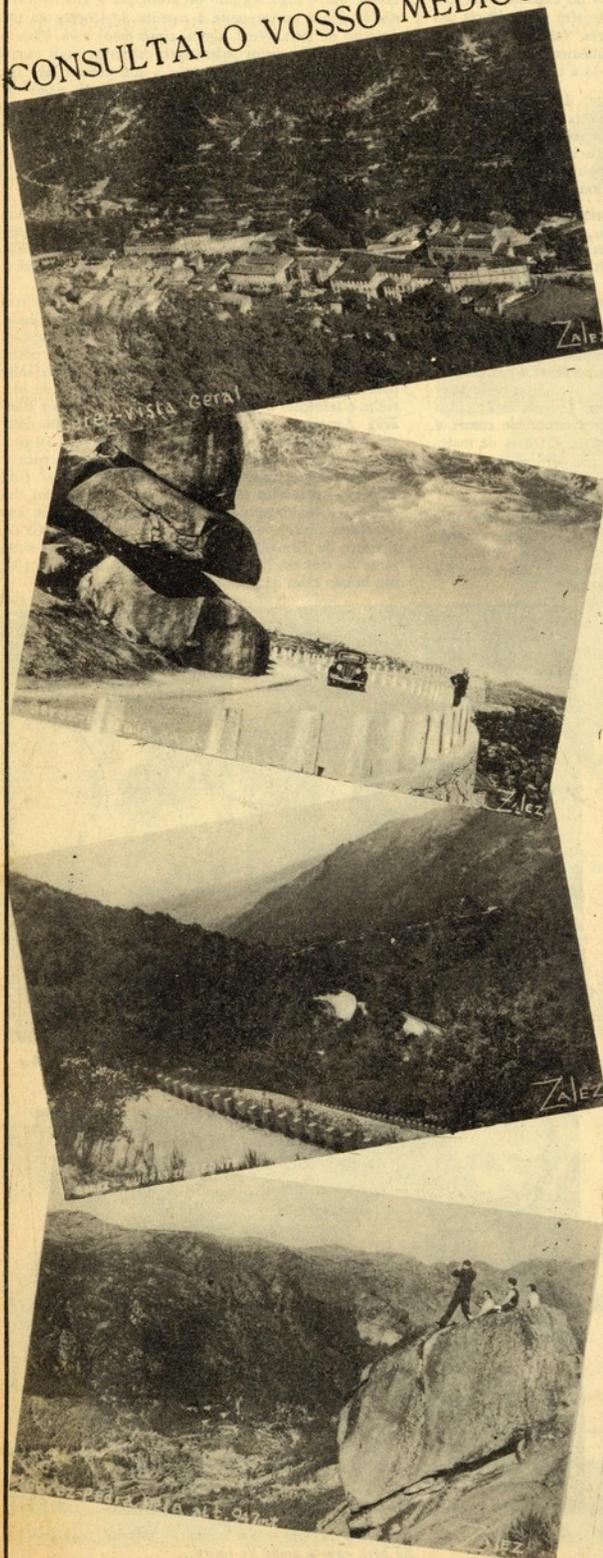


Este curso aprende a manter à superfície um navio torpedeado: equilíbrio de pêto com a ajuda de lastro...

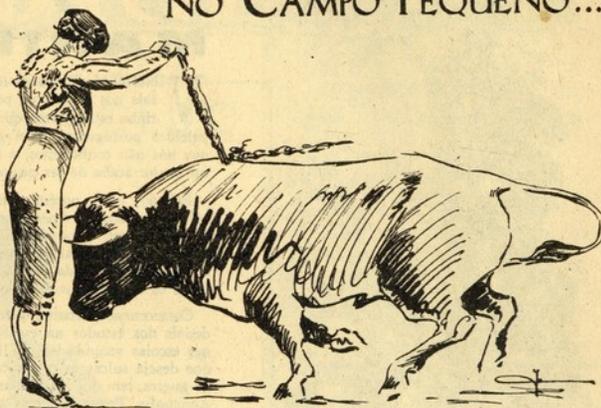
GEREZ

A ESTANCIA DOS HEPÁTICOS
IMPALUDADOS E OBESOS!

CONSULTAI O VOSSO MEDICO!



DUAS CRÓNICAS BREVES TOUROS BRAVOS NO CAMPO PEQUENO...



Um grande par de Gregório Garcia

UMA vez mais, Gregório Garcia empolgou a assistência na nocturna do passado dia 1, fornecendo com o seu toureio os momentos de maior emoção e arte de toda a corrida. O seu triunfo foi completo, pois, assentou principalmente na «faena» que realizou no terceiro toiro, surpreendendo pelos nítidos progressos feitos no mais difícil e sério «tercio». Por que tenha corrigido e porventura aumentado os seus conhecimentos no toureio de «muletas»? Por que tenha melhor conhecimento das características dos toiros peninsulares, bem mais difíceis que os mexicanos? Seja pelo que for, o certo é que Garcia executou uma bellissima «faena», confiada e artística — «faena» de que ninguém o julgaria capaz quando nas suas primeiras actuações tão pouco inteirado se mostrou na derradeira fase da lide. Essa «faena», feita na primeira praça do País, era o que faltava a Gregório para regressar ao México com uma distinção absoluta, após o exame feito perante um público que se tem defeitos, possui também a grande virtude de saber animar e amimar aqueles que pelas suas qualidades de valentia e arte bem merecem o incentivo que conduz à glória. Acrescenta-se que Gregório bandarilhou colossalmente, com tanta emoção e beleza, que o público, entusiasmado ao máximo, o forçou a dar a volta à praça após 2.º «tercio», façanha que, inédita para todos os outros toureiros, já o não é para o mexicano a quem já pela segunda vez isto acontece. Depois desta corrida, ficará ainda de pé a divergência de opiniões acerca deste novilheiro? Lanceou de capa à «verónica», com verdade; fez um admirável «quite» por «chicuelinas»; bandarilhou como nunca e fez uma «faena» revelando conhecimentos — tudo isto incrivelmente arrimado e sem que o atropelassem os toiros. Que mais pode pedir-se? O público certamente que nada mais pedirá visto que o fez dar voltas ao redondel, sair aos «meios» e o encheu de prendas e charutos.

Angelete, o único espanhol que actuou, por virtude da falta de Bienvenida, mostrou-se um toureiro feito, valente e com personalidade. Com o capote fez belos lanceos, de que há a destacar duas admiráveis «verónicas» e um majestoso «quite» por «ortocinas», executando com a «muleta» duas «faenas» certíssimas, absolutamente de acordo com as condições dos toiros que lhe saíram e que não foram os melhores. A segunda, feita toda no mesmo terreno, sujeitando o toiro e mandando-o, impressionou agradavelmente, pondo em destaque as características do toureiro espanhol, mais técnico, mais sabedor, mas infinitamente menos espectacular que o mexicano. Pela actuação no 6.º, teve Angelete que dar a volta e sair aos «tercios».

Guerrita confirmou a boa impressão deixada na estreia, quer lançando de capote em boas «verónicas» e impecáveis «faróis» e «gonerass», quer bandarilhando como ainda na «faena» que executou no 4.º, com «spasses» excelentes, o que lhe valeu grande ovação e como os colegas, volta à arena e saída aos «tercios».

Montani, teve lindos capotazos de que se destacam, a melhor «meia verónica» da noite e um «quite» por «navarrass». No 9.º pegou em bandarilhas e deixou três bons pares. À sua «faena» no 5.º, quasi sempre com a esquerda, ligando séries de «naturais», faltou a eficácia necessária para que o toiro se entregasse. Anote-se no entanto a boa vontade e um estilo agradável que muito justamente se premiarão com volta e fartos aplausos.

Ao cavaleiro Murteira Correia saltaram um toiro que não podia permitir que mais se fizesse. Toureiro de feição moderna, encontrou obstáculos muito sérios na lide de um inimigo que até dava indícios de «corridos». Muito se aplaudiu a diligência empregada e com toda a justiça pois Murteira é uma das mais evidentes esperanças do toureio equitro.

Do que ficou dito depreende-se que o curro do Senhor Cláudio Moura satisfaz, pois de contrário não seria possível tão satisfatório resultado artístico.

...E MANSOS EM ALGÉS

Para a tarde de 5, organizou a Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais, uma corrida na praça de Algés, que tinha como principais atractivos a reparição dos cavaleiros Luis Lopes e a actuação de Gregório Garcia.

Cartaz de interesse a prometer uma tarde animada, o que afinal se não verificou pela péssima qualidade dos touros lidados. Assim, pouco há a dizer do espectáculo que só ganhou verdadeira animação quando Gregório toureou o 6.º — o único que se mostrou lidável — e o grupo amador de Montemor fez as pegas, todas elas rijas, especialmente a primeira que valeu volta ao redondel ao forçado Simão Malta.

As principais vítimas das más intenções dos toiros, foram os cavaleiros que se esgotaram em tentativas infrutíferas, acabando António por recolher à enfermaria fortemente magoado em resultado de queda depois da montada ter caído na cara do bicho e Alberto por ser fortemente atirado contra as «tábuas» por ter de «apertar-se» com um manso perigoso. Deve no entanto realçar-se a boa lide e a beleza de preparação das sortes por parte de António Luis no 1.º e a coragem e boa vontade de Alberto insistindo em continuar toureando o 7.º, após este ter-se desmolido.

Gregório Garcia, lanceou à «verónica» admiravelmente, fez «chicuelinas» lentas e arrimadas, cravou seis pares de bandarilhas como ele sabe e executou uma «faena» de «muleta» inteligente e arrojada que muito se aplaudiu.

Registou-se uma enchente, facto a atender visto tratar-se de uma corrida com fins beneficentes.

Crónica e desenhos de Jaime Duarte de Almeida

É ISTO A DINAMARCA,

O BELO PAÍS DO NORTE DA EUROPA
EM QUE TANTO SE FALA AGORA..

REPENTINAMENTE, quando nada o fazia prever, as agências telegráficas trouxeram-nos notícias deste belo país de sonhos e histórias de amor, envolto em brumas e prados verdejantes: A Dinamarca, ocupada logo desde o início da guerra pelos alemães, que se entregara sem luta ao inimigo invasor, estremeceu num grande espasmo de dor e de revolta. As sabotagens romperam por toda a parte — e, agora, centenas de dinamarqueses estão a ser passados pelas armas, para pagar a culpa que pertence a um povo inteiro, choroso do seu rei e da sua liberdade.

O lindo país dos prados verdejantes e das lendas maravilhosas de valquirias, de gigantes e donzelas, acordou mais uma vez manchado do vermelho de sangue dos mártires e heróis. O forte sentido de nacionalidade de 4 milhões de homens e mulheres ressuscitou, hoje como sempre. Na Dinamarca, senhora de grandes mares e territórios — não teve sob o seu mando a Suécia, a Noruega, a Finlândia e parte da Inglaterra? — o sangue guerreiro dos normandos desperta contra a opressão dos descendentes de Bismark. A guarda dos Estreitos do Báltico recomeça...



1) Um aspecto melancólico de Copenhague; ao fundo, a Bolsa.

2) A guarda real de Amalienborg desfila diante da residência de Cristiano X, em Copenhague.

3) Outro aspecto da mesma residência, com a igreja de Marmorkirken.

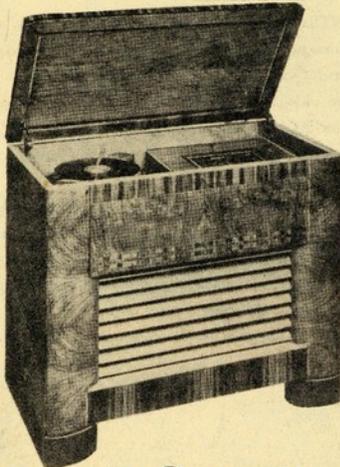
4) Cristiano X fez 72 anos a 26 de Setembro do ano passado. Nesse dia, o povo aclamou-o.

RADIO-GRAMOFONES "His Master's Voice"



Unicos no mundo
O instrumento
dos amadores exigentes

O melhor receptor de rádio conjugado com o melhor automático de discos.



Oiça-os, nos

Est. Valentim de Carvalho
RUA NOVA DO ALMADA, 97

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA DA AMÉRICA
PARA **FILADELFIA**

Com escala por **LEIXÕES E FUNCHAL** (se convier)

PAQUETE

"LOURENÇO MARQUES,"

SAÍDA EM 16 DO CORRENTE MÊS

NAVIO-MOTOR **S. TOMÉ**

SAÍDA EM FINS DO CORRENTE MÊS

RECEBEM CARGA E PASSAGEIROS

LISBOA: Rua do Comércio, 79 e 85
TELEFONES 2 3021 a 26

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 73
TELEFONE 1434

CLIPER'S

Apresenta a brilhantina sólida para cavalheiros novidade em Portugal em

5 CÔRES

A brilhantina usada pelos artistas de Cinema. Especialmente preparada para fotografia. FAÇA HOJE MESMO ESTA EXPERIENCIA. PENTEIE-SE COM A BRILHANTINA «CORREDOA» tradução portuguesa da marca de exportação

«CLIPER»

e em seguida tire uma fotografia e veja como o penteado se destaca de uma forma especial

INCOLOR

PARA TODOS OS CABELOS

BOIÃO 16\$00



Cór Tirone para cabelos pretos



Cór Douglas para cabelos louros ou claros



Cór Gable para cabelos castanhos



Cór Barrymore para cabelos brancos ou grisalhos

A venda em todas as boas casas

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



De facto...



...um sujeito de fato emporcalhado está sujeito a que o tomem por um porco...

Não correá esse risco se limpar o fato com

CASULO LIMPA-FATOS

O milagroso produto que faz desaparecer por completo

as nódoas e o lastro da roupa

A venda nas boas Drograrias de Lisboa, Pôrto e Provincia

Ex. mas Senhoras

Antes de partirem para férias visitem os lindos modelos de VESTIDOS, CASACOS e "LIGIERES" Expostos nos salões de

LUCINDA & INEZ, L. da

R. D. Estefânia, 117, 1.º

"O Meu Marido Não Podia Acreditar Nos Seus Olhos!"
Diz ele que pareço 10 anos mais nova



— Parece aqui tem como mesmo um milagre — o consegui

as próprias palavras de João. Ha apenas dois meses tinha sulcos e rugas na testa, em volta dos olhos e da boca — a minha aparência era muito claramente a de «mela idade». Hoje todas as minhas amigas admiram a minha pele lisa, o seu tom claro de mocidade.

Uso o Creme Tokalon cor de rosa todas as noites. Contém «Biocel», o admirável elemento rejuvenescedor — descoberta dum famoso Professor da Universidade de Viena. De dia uso o Creme Tokalon, Cór Branca, para clarear e assestinar a pele, libertando-a de pontos negros e poros dilatados.

GRATUITO—A todas as leitoras deste jornal será fornecida uma coleção de produtos de beleza, incluindo duas bisnagas de Creme (Rosa e Branco) e Pó de Arroz Tokalon de diversos tons existentes. Mande 4\$00 em selos, para as despesas do correio, embalagens e outras, ao depósito Tokalon. Serviço S-E, Rua da Assunção, 88 — Lisboa.

NA BULGÁRIA EM GUERRA...

O SANTUÁRIO DO CONVENTO DE S. GEORG-ZOGRAF

EM PAZ



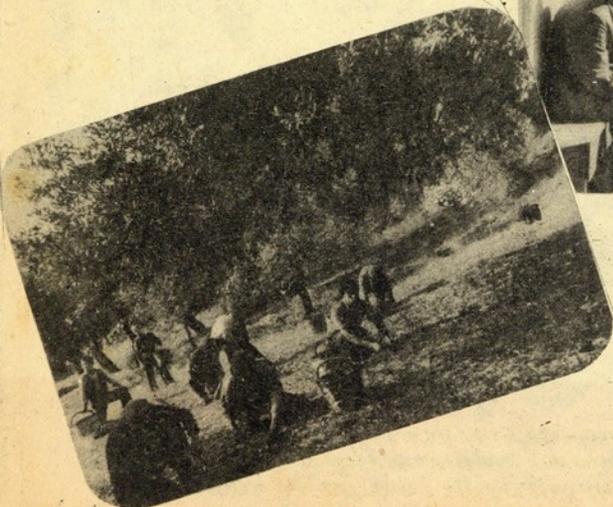
VIAJANDO de automóvel chega-se — 200 quilómetros ao sul da serra de Kalamona — à chamada Floresta Sagrada de «Sveta Gora» ou «Península de Athos», que é a península mais oriental do complexo peninsular de Halkidi. É no começo da península de Athos está o limite da «Sveta Gora». Daqui, parte um caminho através do qual só se pode seguir de burro ou de mular através da montanha, e que leva ao convento. Não há outra possibilidade, sem ser por barco ou navio, de chegar ao pórtico do convento. Esta Floresta Sagrada, que também é chamada «Jardim da Mãe de Deus», já existe, juntamente com os seus conventos, há mais de 1300 anos. Erguem-se ali cerca de 20 conventos e aproximadamente 200 albergues com um total de 2.000 igrejas e capelas, entre as quais 17 conventos gregos, 1 russo, 1 sérvio e 1 húngaro.

O convento búlgaro de S. Georg-Zograf foi fundado no ano de 980. Durante este tempo, já foi três vezes reduzido a cinzas e assaltado. Resistiu, todavia, a todas as lutas. Actualmente, vivem ali cerca de 70 monges exclusivamente búlgaros. Foi nesse convento que o monge búlgaro Otetz Payssi, há 170 anos, escreveu a história da Bulgária, quando a sua Pátria estava sob o jugo turco. Mas este convento foi também testemunha do maior poderio da Bulgária, sob o domínio do rei Iwan Assen II.

Em nenhum dos conventos da Floresta Sagrada é permitido comer carne. Não são ali consentidos nem mulheres nem animais de sexo feminino ou judeus, e — o que é mais curioso, é que há mais de mil anos que esta prescrição é rigorosamente respeitada. No convento búlgaro guardam-se muitos valores históricos dos séculos passados e, sobretudo, das guerras de libertação. Possui extensos olivais, o que não quer dizer que a congregação não seja extremamente pobre. A poesia serena das florestas pacíficas no nosso mundo em guerra dão-lhe, todavia, uma riqueza simbólica que os homens apeteçam...



1) Na rua principal da capital de «Sveta Gora», a Floresta Sagrada só para homens, veste-se de tocante serenidade... — 2) Também no terrapão que deita para o pórtico do convento de S. Georg-Zograf, a paz dos homens de barbas brancas flutua... — 3) A apanha da azeitona nos olivais do convento é uma tarefa árdua. — 4) O altar da igreja principal do convento. 5) Um canto do convento búlgaro de S. Georg-Zograf.



2.7.10/9



TODOS os dias, pela manhã fresquinha, o rei dava o seu passeio pela cidade. Copenhague e os arredores já o esperavam e conheciam ao longe o trotar do seu cavalo. E o povo, devoto e dedicado, acorria a prestar-lhe homenagem. As crianças davam-lhe flores, e o rei, símbolo do poder e da pátria, recebia, de lágrimas na voz, o preito de amizade do seu povo. Hoje...